

Copa do Mundo é tema em diversas áreas do conhecimento

Confira no Caderno da Copa

Leia os artigos na íntegra no site:
www.appai.org.br/revistaappaieducar



Castigos e Recompensas

Jon Talber*

Pais e educadores deveriam levar mais a sério a chamada educação compensatória, onde o filho ou aluno recebe presentes ou agrados para cumprir seus deveres escolares ou as pequenas tarefas do seu dia a dia. Se em casa os pais veem na recompensa uma forma de motivá-los e dar uma força extra na hora de cumprirem suas obrigações rotineiras, na escola, o educador, em nome da instituição e do sistema, incentiva o comportamento competitivo, ao conferir honras àquele que alcança as metas estabelecidas.

Em ambos os casos, cria-se uma inevitável situação de competição entre todos os indivíduos. Na escola será entre os alunos, e em casa entre irmãos ou com os próprios pais. Em ambientes assim, o entendimento entre as pessoas é impossível, uma vez que todos, de alguma forma, se tornam adversários entre si.

Por que não deveria ser uma coisa natural o cumprimento de uma tarefa em benefício próprio? Para escovar os dentes é realmente necessário um incentivo, um convencimento mediante um agrado ou outro tipo de persuasão?

Não seria mais simples mostrar para as crianças a realidade das coisas, os efeitos da omissão, caso não cumpram com seus deveres, ao invés de torná-las simples máquinas cumpridoras de ordens, verdadeiros pedintes, sempre à espera de que até seus pensamentos sejam agraciados com alguma gratificação? Há algum tipo de ação em nossas vidas que façamos sem esperar absolutamente nada em troca? Duvidamos que haja.

Como podemos esperar uma sociedade justa, se o justo para nós é a compensação, alguma forma de pagamento por qualquer coisa que façamos? Não precisa ser uma recompensa imediata, coisa material. Um consolo espiritual também nos serve.

***Jon Talber** é pedagogo, antropólogo e escritor, especializado em Educação Integral. Estudou por mais de 30 anos as filosofias orientais e o comportamento das muitas culturas do mundo, seus sistemas educativos, doutrinas, dogmas.



Intervenção dos Movimentos Sociais na Educação Formal

Dolores Francisca Magalhães Coutinho*

Fátima da Costa Carvalho*

A Escola, como espaço de inclusão ao saber, precisa dialogar com as tensões denunciadas através dos Movimentos Sociais. Segundo, Abdias do Nascimento (2000).



“Um estado voltado para convivência igualitária de todos os componentes de nossa população preservando-se, respeitando-se as diversas identidades, bem como a pluralidade de matrizes culturais. A construção de uma verdadeira democracia passa, obrigatoriamente, pelo multiculturalismo e pela efetiva implantação de políticas compensatórias ou de ação afirmativa, para possibilitar a construção de uma democracia plena para todos os grupos discriminados”

Ao longo de uma década os movimentos colocam em pauta questões emblemáticas. Eles constituem fenômenos históricos de caráter coletivo, que expressam lutas sociais em contextos sociopolíticos determinados. São eles os principais protagonistas na construção de políticas de ação afirmativas, demarcando o empoderamento indetitário (étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, de caráter religioso etc.), rediscutindo os paradigmas explicativos da realidade. Dentre os estudos teóricos, Sztompka (1988) alerta sobre a “crise da modernidade”, que trouxe à tona a questão da racionalidade e o questionamento da racionalidade científica como legítimo.

Podemos ressaltar a importância de se rediscutir no campo das políticas públicas a forma como se elaboram as políticas educacionais que buscam normatizar e regular as relações entre sociedade civil e sociedade política. Portanto, esses movimentos sociais têm uma força de valorização no processo educativo em geral, tendo como base o mapa conceitual sobre educação intercultural elaborado coletivamente estruturando-se a partir das categorias fundamentais: sujeitos e atores, saberes e conhecimentos, práticas pedagógicas e políticas públicas.

***Dolores Francisca Magalhães Coutinho e Fátima da Costa Carvalho** são formandas no curso de Mestrado em Educação e Saúde Coletiva – Universidade Aberta do Brasil.



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Sandra Martins, Cláudia Sanches
e Jéssica Almeida

Fotografia
Marcelo Ávila

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira
Marcel Schocair Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 69.000 (sessenta e nove mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



Agenda do Professor

Benefício Educação Continuada

Inscrições: <http://www.appai.org.br/temas-educacao-continuada.aspx>

Agosto

A Leitura Literária na Escola Como Produção de Conhecimento

Data: 14/08/2014 (quinta-feira)

Horário: 13 às 17h

Objetivo: Propiciar uma prática dialógica e artística do texto literário nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Violência e Indisciplina na Sala de Aula: Faces da Mesma Moeda

Data: 16/08/2014 (sábado)

Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: Propiciar a reflexão e o debate sobre as dificuldades da escola diante da violência cada vez mais presente na sociedade.

Educação Especial

Data: 21/08/2014 (quinta-feira)

Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: Proporcionar uma visão reflexiva e prática sobre os vários fatores que norteiam o processo de inclusão do educando com necessidades educacionais especiais.

A Contribuição dos Estudos da Neurociência para Aprendizagem

Data: 28/08/2014 (quinta-feira)

Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: Conhecer o funcionamento do sistema nervoso central é trazer para o professor uma base de estudos científicos de como a neurociência, a aprendizagem e a educação tornam-se interdisciplinares.

Avanços da Avaliação Escolar no séc. XXI

Data: 30/08/2014 (sábado)

Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: Proporcionar aos profissionais de Educação uma reflexão sobre os avanços teóricos, metodológicos e as práticas de avaliação escolar nos tempos atuais.

Setembro

Educação Inclusiva: Teoria e Prática

Data: 04/09/2014 (quinta-feira)

Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: Revisar aspectos teóricos e ressaltar valores que, de maneira geral, permeiam a práxis docente no paradigma da Educação Inclusiva.

O Estresse do Professor: Gerenciamento e Qualidade de Vida

Data: 06/09/2014 (sábado)

Horário: 8h30 às 12h30

Objetivo: Abordar o fenômeno do estresse docente, através do estudo dos principais indicadores da síndrome, seus fatores contribuintes e técnicas de enfrentamento do estresse.

Eventos externos de parcerias

III Simpósio Internacional de Educação Infantil

Data: 16/08/2014 (sábado)

Horário: 8 às 18h30

Objetivo: Simpósio promovido pela Wak Projetos Culturais, apoiado pela Appai, objetivando o aprimoramento e desenvolvimento dos profissionais de Educação.

III Simpósio Internacional de Educação, VII Congresso Carioca, III Encontro de Pais com Especialistas, I Fórum Interdisciplinar Sobre Inclusão Escolar. Tema: Neurociência do Desenvolvimento das Intervenções à

Psicofarmacologia

Data: 12 e 13/09/2014 (sexta e sábado)

Horário: 8 às 17h

Objetivo: Congresso promovido pela Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e Profissões Afins (Abenepi). Os inscritos terão que pegar a credencial de participação do dia 01/07 ao dia 29/08, no Setor de Atendimento Presencial da Appai, sobreloja 211, no horário das 8 às 17h. Para isso, precisarão trazer 2 latas de leite em pó, carteira Appai e o e-mail de confirmação de inscrição.

Obs.: Apesar de as inscrições serem confirmadas automaticamente, a participação no evento ficará sujeita a análise, de acordo com as regras do regulamento, e será confirmada posteriormente através de um novo e-mail.

Vagas Limitadas!

SOMENTE FILA DE ESPERA





Mais investimentos para os professores

Como parte da matéria aprovada sobre a lei dos *royalties*, que prevê o cumprimento das metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação, com o argumento de que metade dos recursos e dos rendimentos do Fundo Social seja direcionado para educação e saúde, o Professor e Deputado Simão Sessim presidiu na Câmara dos Deputados, no mês de maio, a sessão que aprovou o texto base do Plano Nacional de Educação (PNE).

Entre as diretrizes estabelecidas estão a erradicação do analfabetismo; o aumento de vagas em Creches, no Ensino Médio, no Profissionalizante e nas Universidades Públicas; a universalização do atendimento escolar para crianças de 4 a 5 anos e a oferta de ensino em tempo integral para, pelo menos, 25% dos alunos da educação básica.

De acordo com a assessoria do Professor e Deputado Simão Sessim, o PNE destina também 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação – atualmente são investidos menos de 6%. De acordo com o Professor Sessim trata-se de matéria da maior importância para os



A maior vantagem do PNE não é o aumento dos recursos para educação, mas a qualidade da aplicação desse dinheiro

brasileiros, “sobretudo para professores, como eu, e alunos de todo o país, porque diz respeito a uma de nossas maiores carências: a educação de efetiva qualidade”, afirma.

Dentre as 20 metas aprovadas, destaque para a erradicação do analfabetismo absoluto. A Meta 5 do Plano é alfabetizar 100% das crianças, no máximo, até o final do 3º ano do Ensino Fundamental para que tenham adequado grau de leitura, escrita e matemática. De acordo com o MEC, em 2012, apenas 44,54% das crianças brasileiras nessa faixa escolar sabiam razoavelmente compreender textos de gêneros diversos. Avaliando os dados por região geográfica, tem-se a alarmante diferença de desempenho de quase 30 pontos percentuais entre as regiões Norte (com 27,32%) e Sudeste (com 56,5%).

Simão Sessim comemorou o resultado da votação avaliando que foi uma vitória do país. “A aprovação do Plano Nacional de Educação produz em mim e nas milhões de famílias brasileiras a esperança de que estamos trilhando um caminho para a construção de um novo Brasil.



Um país onde há melhor distribuição de renda, menos desigualdades regionais, menos exclusão e mais dignidade para todos os brasileiros e brasileiras representados neste Parlamento”, concluiu o professor Sessim.

Em 2013, a lei dos *royalties*, aprovada pelo Congresso Nacional, previa que 75% dos recursos obtidos por meio da extração do petróleo do pré-sal fossem destinados à educação e 25% para a saúde. Com base nessa mesma lei, o texto antevia também que 50% do excedente em óleo fosse reservado à educação e 25% à saúde, através de um Fundo Social, cujo propósito era o de funcionar como uma poupança, responsável por receber a parcela dos recursos do pré-sal que cabem ao governo federal, como *royalties* e participações especiais, a fim de ser usado como investimento para o desenvolvimento do país.

No entanto, a Câmara dos Deputados aprovou um substitutivo que determina que 50% da própria “poupança” seja destinado à educação e saúde – diminuindo o tamanho do capital principal do fundo. A nova legislação destaca que os recursos da exploração petrolífera que passarão a aperfeiçoar as áreas de educação e saúde não podem ser empregados para pagar dívidas com a União ou mesmo salários de profissionais da rede pública de ensino. ■



Em seu nono mandato o professor e deputado Simão Sessim continua incansável na construção de um novo Brasil



I Encontro de Educadores sobre Comportamento em Sala de Aula

Os profissionais da área da educação, assim como de várias outras, estão em constante processo de aprendizagem. Professores e associados da Appai podem contar com o Benefício de Educação Continuada, que oferece palestras e oficinas com temas inerentes à área da educação. O I Encontro de Educadores sobre Comportamento em Sala de Aula, oferecido pela Appai em parceria com o Programa Foco/Faetec, reuniu associados e convidados do programa da Faetec, que teve como objetivo auxiliar no desenvolvimento dos profissionais de educação e proporcionar reflexões sobre assuntos presentes no cotidiano do docente.

Dando início ao ciclo de palestras, a Dra. Gabriela Dias, médica psiquiatra, abordou os "Transtornos Comportamentais na Infância e Adolescência", explicando como eles afetam o comportamento, aprendizado e desempenho escolar. Ela explica que o papel do docente em sala de aula não é tratar o aluno, e sim ajudar a identificar um possível transtorno. "O professor não é médico. Mas, por ele passar muito tempo com estudantes, pode auxiliar na detecção de um problema. Ele não vai dar o diagnóstico, mas pode observar o comportamento desse aluno e, notando alguma anormalidade, encaminhar para um profissional da área", completa.

No segundo bloco, a psicopedagoga e psicanalista

Márcia Regina Ribeiro falou sobre a "Atuação Psicopedagógica na sala de aula: construção da teia de correlações onde o ser, o conviver, o fazer e o aprender estejam em constante equilíbrio". A psicopedagoga ressaltou que o profissional deve estar em permanente aprendizado, e a formação continuada é necessária em todo e qualquer profissional. "Não podemos cair naquele velho discurso de que a cultura e a formação não são acessíveis. Diversos filmes, peças de teatro, palestras, feiras literárias têm um custo muito baixo ou até mesmo entrada franca. Um exemplo disso são os ingressos no Theatro Municipal a R\$1,00", afirma.

Finalizando o ciclo de palestras, Rita Thompson, pedagoga, psicomotricista e membro da Abenepi (Associação Brasileira de Neurologia, Psiquiatria Infantil e Profissões Afins) e da Soperj (Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro), abordou o tema "Neuroeducação: como as neurociências podem contribuir para a prática educacional". A pedagoga explica que a Neuroeducação é uma ciência que busca entender quais são as áreas específicas do cérebro que determinarão alguns dos comportamentos e como eles podem interferir prejudicando a *performance* do aluno. "Na Educação, estaremos com a atenção voltada para que tipo de metodologia pode ser utilizada,



Da esquerda para a direita: Márcia Regina, Rita Thompson, Michele Adum e Gabriela Dias



quais as empregadas, a importância desse vínculo entre o professor e o aluno”, completa.

A coordenadora pedagógica do Isepam (Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert), Ingrid Luiza, conta que palestras como essa são de suma importância para ajudar os docentes em sala de aula. “Eles se deparam com essas necessidades do cotidiano e nas palestras são orientados por profissionais que dão um norte para o trabalho em sala de aula. Com isso, o professor pode ajudar a identificar algum transtorno ou um problema fonoaudiológico ou visual e encaminhar a criança para um profissional da área avaliar e dar o diagnóstico correto”, afirma. A coordenadora, que veio para o evento com um grupo de mais de dez professores, explica que o tema foi muito pertinente ao que eles vivenciam. “Na nossa escola, temos um aluno diagnosticado com TDAH. Ele participa das aulas normalmente com as outras crianças e conta com um profissional que realiza atividades voltadas para ele”, diz.

A Associada da Appai Eliane Alves Ferreira conta que desde a primeira palestra que assistiu, oferecida pela Educação Continuada, nunca mais deixou de participar. “Toda oportunidade que aparece procuro aproveitar ao máximo, porque a formação é oferecida por profissionais qualificados. E isso faz com que o conteúdo aprendido aqui seja disseminado para o nosso local de trabalho. Além disso, as palestras e oficinas nos mantêm atualizados. O melhor de tudo é que essa formação não traz nenhum

custo extra. A Appai oferece isso e muito mais por uma pequena contribuição no final do mês. Isso é maravilhoso!”, conta a associada.

Segundo Michele Adum, responsável pelo Benefício de Educação Continuada, a palestra atendeu as expectativas iniciais. “Os professores e convidados que assistiram ao encontro elogiaram bastante. Considero de fundamental importância abordar esses assuntos, pois estão presentes no cotidiano desses profissionais, que precisam estar preparados para lidar com isso”, explica.

Para se inscrever em palestras e oficinas com temas inerentes à área da educação, acesse www.appai.org.br. Lá você encontra as informações sobre os próximos eventos oferecidos pelo Benefício de Educação Continuada da Appai.

Colaboração: Jéssica Almeida

Faetec
Rua Clarimundo de Melo, 847 – Quintino
Bocaiúva – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21311-281
Tel.: (21) 2332-4043
Site: www.faetec.rj.gov.br
Fotos: Comunicação



Cinco **Sensos:**

Utilização,
Ordenação,
Limpeza, Saúde
e Autodisciplina

O 5S ou cinco sentidos é um programa que surgiu nas empresas do Japão, durante a reconstrução do país depois da Segunda Guerra Mundial. Com intuito de pôr em prática a utilização desse conceito na escola, o Ciep Brizolão 048 Djalma Maranhão, localizado em Itaguaí, desenvolveu um projeto em parceria com a Empresa Vale.

A animadora cultural e responsável pela parceria Luciene Patrícia conta que tudo começou quando a empresa foi realizar uma palestra no Ciep para falar sobre os cinco sentidos. “Ao conhecer melhor nossa escola e ver que já trabalhávamos com o 5S, a empresa sugeriu um projeto piloto social para desenvolver com a comunidade e propôs que criássemos um grupo de CCQ (Círculo de Controle de Qualidade) Social, para desempenhar melhor o projeto na unidade escolar com monitoramento e orientações deles”, explica.

Segundo Luciene, o objetivo da empresa é expandir uma implementação de gestão, que pode acontecer em qualquer organização humana. “O programa prepara o ambiente para mudanças e gera resultados visíveis. No CCQ Social criado na escola foram identificados dois problemas. O primeiro foi a vocação profissional e o outro foi a adaptação do 5S. A partir daí, utilizamos o método como ferramenta e criamos situações para solucionar os problemas”, afirma.

Para resolver a questão da vocação profissional, foram criados murais informativos sobre cursos técnicos, profissões, e realizados encontros com os professores e representantes de turmas para que eles fossem multiplicadores de assuntos tratados em sala de aula, como Enem, Concursos, Cursos Técnicos. Foram convidadas instituições de ensino superior para dar palestras para alunos formandos do 3º ano do Ensino Médio e 9º ano do Ensino Fundamental, e visitadas também instituições que ministram cursos técnicos. A animadora cultural explica que o grupo multiplicador foi formado por alunos do Ensino Médio. As palestras foram mais direcionadas para o 9º ano do Fundamental e 3º ano do Médio, porém as

informações foram abertas a todas as turmas, que vão do 6º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

De acordo com Luciene, a escola foi um projeto piloto da Empresa Vale em 2013 e a atividade continuará em 2014. Além disso, o Ciep está concorrendo entre as dez melhores ações da empresa em 2013. O primeiro lugar ganhará um prêmio cujo valor deverá ser usado em projetos. “Se nossa escola for a ganhadora, vamos investir na Educação Ambiental. Nós já recolhemos resíduos de óleo de cozinha, pilhas, baterias. E com o dinheiro podemos criar um grupo ecológico para expandir o projeto. Além disso, queremos investir na economia de água e de energia”, conta.

O aluno Rafael Braga, da turma 3.001, conta que “mais que um projeto na escola, transforma a forma de pensar e de agir no dia a dia. O CCQ foi transmissor de responsabilidades. Participar foi aprender a melhorar a forma de viver, ser mais forte, perseverante, ágil e, o melhor de tudo, ajudar o próximo com segurança”.

A animadora cultural afirma que “foi maravilhoso confirmar que só crescemos quando usamos a coletividade. Como a nossa parceria com a empresa, que permitiu saber que somos capazes de transformar uma sociedade. Vi nos alunos uma mudança de comportamento com relação ao poder de criar, buscar soluções, agir, promovendo neles um crescimento na rotina escolar e no campo pessoal, melhorando assim, é lógico, a qualidade de vida”.

Colaboração: Jéssica Almeida

Ciep Brizolão 048 Djalma Maranhão
Rua Elvira Ciuffo Cicarino, s/nº – Vila Margarida – Itaguaí/RJ
CEP: 23825-840
Tel.: (21) 3781-1553
E-mail: ciep048@educacao.rj.gov.br
Animadora cultural: Luciene Patrícia
Fotos cedidas pela escola



Além dos murais informativos, debates em sala de aula e palestras oferecidas aos alunos, foi realizada uma feira cultural sobre os 5 sentidos





Cirauado é POP

Cláudia Sanches

“**M**eus colegas viraram obras de arte”. A aluna Andreza, do 7º ano da Escola Municipal Doutor José Antônio Cirauado, repetia a frase com orgulho durante a exposição de artes do projeto *Cirauado é POP*, mostrando a releitura de sua própria fotografia no mural do colégio, todo colorido com as obras de arte dos pequenos artistas.

A ideia do projeto surgiu dentro da própria sala de aula, quando a professora Patrícia Irma Von Abel, de Artes Visuais, estava falando com o 7º ano sobre o movimento *Pop Art*, nos Estados Unidos, representado pelos artistas Andy Warhol e Roy Lichtenstein na década de 1960. Assim, pensou em trabalhar o colorido com seus alunos do 6º, 7º e 8º anos, dentro do conteúdo programático de cada turma.

“Durante minha aula projetando as imagens do movimento *Pop Art*, pincei esses dois artistas e pensei: por que não projetar o rosto dos alunos como fizeram os gênios com Marilyn Monroe e Elvis Presley?”. Com as turmas do 6º ano, Patrícia estava falando sobre Arte Rupestre na Europa e com o 8º ano, Arte Rupestre no Brasil, e também decidiu ampliar e adaptar a cor do movimento para releituras dos trabalhos dos alunos. Todo o trabalho da docente é baseado na teoria da educadora Ana Mae Barbosa, segundo a qual a proposta é contar a história da arte, a contextualização e o fazer artístico.

O segundo momento, depois do lança-

mento da proposta, que é usar bastante a cor do movimento artístico, e das pesquisas na Internet, foi romper com a resistência dos estudantes em serem fotografados e trabalhados de acordo com a estética e técnicas da *Pop Art*. Como a manifestação artística já é provocadora, durante as aulas a professora começou a trabalhar identidade a partir das cores.

Cada aluno foi fotografado durante as aulas e, em seguida, os pequenos artistas escolhiam as técnicas que iriam utilizar para pintar seus rostos, cores, bolas, listras. Patrícia explica que esse processo foi muito interessante, pois eles não identificavam o trabalho com o belo: “Os alunos me pediam para utilizar a cor de pele, e eu questionava com eles: “O que é cor de pele?”. E colocava o lápis diante dos seus braços e perguntava qual a cor de sua pele? Os alunos respondiam: negra, marrom ou branca. Muitas alunas não gostavam da sua própria imagem na foto enquanto outras questionavam: “Eu fiquei horrível!”. Mas, depois que o trabalho ficou pronto, a atitude perante o resultado transformou os conceitos, de acordo com a professora. “A autoestima dos alunos cresceu e eles compreenderam que a arte é romper com os padrões”, comemora. A pequena Vitória mostrou que assimilou bem a proposta: “A ideia não é ficar bonito, mas sim ficar diferente, colorido. Gostei de ver e de transformar as cores inspiradas nas obras que a professora apresentou. O objetivo não é ficar lindo”. Outro sentimento muito comum



entre os grupos era o medo, como foi o caso de Taíssa: “Tinha receio de que os desenhos não ficassem perfeitos”.

Wagner ficou apaixonado pelo projeto: “A ideia é ficar colorido, diferente mesmo, e depois entendemos isso”, contava o aluno, contagiado. Já Luís Guilherme mostrava a foto da professora Patrícia no mural, retratada por ele, no meio da turma.

O foco do trabalho era a motivação e fortalecimento da autoconfiança e da identidade dos jovens. Patrícia, como ex-aluna do colégio em que leciona, não se cansa de contar a sua história: “Falo pra eles que estudei nessa escola, no Ensino Médio, e também frequentei a escola pública, para mostrar que através da educação tudo é possível.”

Nos corredores da escola as turmas decoraram as paredes com a famosa boca de Andy Warhol e o polêmico “Beijinho no ombro”, referência à frase da cantora Waleska Poposuda, que também estava presente na escola através de sua música: “Aqui no colégio só se ouve funk. Isso foi uma forma de chamar atenção para a cultura popular. A Waleska também está aqui, não pode haver preconceito”, explicou a professora. Durante o bimestre as turmas também conversaram muito sobre o consumismo, a partir do movimento artístico, e questionaram o modelo de vida descartável dos dias de hoje.

O 6º ano fez uma releitura em desenho da escultura Venus de Willendorf, estatueta da época do Paleolítico,

encontrada na Áustria. O 8º ano realizou representações em desenho da obra “Caverna de Lascaux”, com técnica de lápis de cor. “Os resultados ficaram impressionantes, parecia recurso de tinta”, lembra Patrícia. Para finalizar, os alunos registraram suas mãos na parede para caracterizar a arte da pré-história. Eles lembraram a frase do pintor Pablo Picasso diante daquelas formas artísticas tão antigas: “Nós não inventamos nada, eles é que inventaram”.

Para Patrícia, o maior interesse era a resposta dos jovens. O trabalho foi dinâmico, eles se interessaram e se divertiram, fizemos uma ponte com a filosofia. E puderam sentir a transformação através do fazer artístico, que arte não é um privilégio de ricos, mas de todos, reafirmando o que disse Lichtenstein: “O que marca o Pop é – antes de mais nada – o uso que é dado ao que é desprezado”.

Escola Municipal Doutor José Antônio Ciraudo
Estrada da Paciência, s/nº – Paciência – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23580-250
Tel.: (21) 2394-7800
E-mail: ciraudo@rioeduca.net
Diretor-geral: Anderson Santos
Fotos: Marcelo Ávila





○ Autismo e suas características

Educadores e especialistas discutem desde o comportamento autista até os recursos tecnológicos que estão sendo aliados aos tratamentos



Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), o autismo atinge mais de 2 milhões de brasileiros. Por isso, o tema merece uma atenção especial. Com intuito de discutir a temática, o Instituto Nacional de Tecnologia (INT), localizado próximo à Praça Mauá, em parceria com a Faperj (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), reuniu profissionais de diversas áreas para compor a mesa do Seminário “Autismo: Etiologia, Inclusão e Recursos Tecnológicos”, que reuniu mais de 120 pessoas, entre elas professores e estudantes de educação, saúde, tecnologia e demais interessados.

O evento teve como objetivo, além de discutir o tema e suas principais características, propiciar o intercâmbio científico para a inclusão da pessoa com autismo. “As discussões enfatizaram a importância das políticas públicas, da formação profissional para lidar com esses alunos e a adoção de práticas pedagógicas inclusivas, além de materiais didáticos e tecnologias assistivas adequadas”, resume o organizador do evento, o pesquisador Dr. Saul Eliahú Mizhari.

O seminário foi dividido em dois blocos. Participaram num primeiro momento, falando sobre o tema Neurobiologia do Autismo, coordenado pela professora Valdelúcia Alves da Costa (UFF), os docentes Alfred Sholl-Franco (UFRJ) e Magda Fernandes de Carvalho (Secretaria Municipal de Educação de São João de Meriti), além da psicopedagoga Bianca Fonseca (UFRJ e Movimento Uniforme) e da neuropediatra Georgia Fonseca. No segundo bloco, coordenado pela pesquisadora Janete Rocha Cícero, tratou-se do tema Autismo e Inclusão, contando com a participação dos professores Eugênio Cunha (UFF e Unesa), Dayse Serra (UFF), Nelma Pintor (UFF e Unesa), Elisângela da Silva Bernado (Unirio) e Helenice Maia (Unesa), além da psicóloga clínica Lídia Prata Cruz.

O autismo é fundamentalmente uma forma particular de se situar no mundo e, com isso, de se construir uma realidade para si mesmo. De acordo com a neuropediatra Georgia Fonseca, ainda não há um “exame genético sobre as causas do autismo. Entretanto, o diagnóstico pode ser feito a partir dos comportamentos apresentados por eles”, explica. Confira, ao lado, algumas situações:

Orientação para identificação de comportamentos autísticos

1) Age como se fosse surdo.



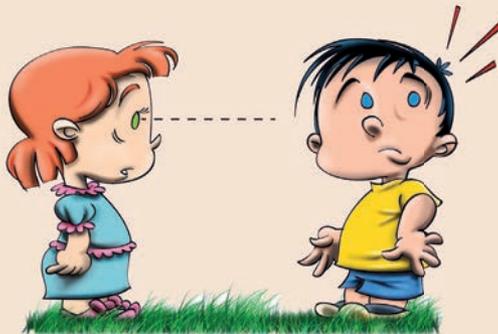
2) A ausência de medo frente a perigos reais.



3) Gira objetos incansavelmente.



4) Tendência ao isolamento e à indiferença.



5) Evita olhar nos olhos e não se interessa por outras crianças.



6) Apego a objetos estranhos.



7) Rejeita o contato físico.



8) Hiperatividade acentuada ou apatia.



9) Não brinca de forma adequada.



10) Não usa os objetos com as funções que eles possuem.



11) Apresenta movimentos repetitivos e sem sentido, tais como balançar o tronco ou as mãos.



12) Usa as pessoas como ferramenta.



13) Apresenta risos e choros fora de contexto.



14) Gosta exageradamente de brincar com água.



15) Apego à rotina.



16) Prejuízo para a imaginação.



17) Ausência da fala.

O autismo ainda não tem cura, mas existem tratamentos que envolvem a criança, a família e os profissionais, sendo indicado começar o mais cedo possível. Os objetivos do programa são traçados de acordo com as dificuldades e habilidades do paciente, sendo levada em conta a fase de desenvolvimento em que se apresenta. Os principais métodos de intervenção para o tratamento do autismo são:

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é utilizada para diminuir os comportamentos excessivos relacionados ao autismo, visando a construção de um repertório comportamental que se sustente em ambientes diversificados,

com diferentes pessoas, gerando inclusão social, escolar e profissional para o autista.

O Treinamento e Ensino de Crianças com Autismo e Outras Dificuldades de Comunicação Relacionadas (TEACCH) oferece técnicas de organização, estruturação, repetições e treinamento, para que a criança possa compreender as atividades diárias com mais facilidade e ter reações apropriadas. Esse tipo de tratamento geralmente é dado em uma sala de aula, mas também pode ser realizado em casa. Os pais trabalham com os profissionais como coterapeutas para que as técnicas possam ter continuidade no lar. É



usado por psicólogos, professores de educação especial, fonoaudiólogos e profissionais devidamente treinados.

O Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (Pecs – *Picture Exchange Communication System*) constitui um ensino que permite à criança com pouca ou nenhuma habilidade verbal comunicar-se usando figuras. Pode ser usado em casa, na sala de aula ou em vários outros ambientes. Um terapeuta, professor, pai ou mãe ajuda a criança a construir vocabulário e articular os desejos, observações ou sentimentos usando as imagens sistematicamente.

A Terapia Fonoaudiológica abrange uma série de técnicas e desafios para crianças com autismo, visando coordenar a mecânica da fala com o significado e valor social da linguagem. Dependendo da aptidão verbal do indivíduo, o objetivo pode ser o domínio da língua falada ou pode ser o aprendizado de sinais e gestos para se comunicar. Em cada caso, o objetivo é ajudar a pessoa a aprender a comunicar-se de forma útil e funcional.

A Terapia Ocupacional (TO) trabalha habilidades cognitivas, físicas e motoras. O objetivo é ajudar a pessoa a se tornar funcional e independente. Para uma criança com autismo, o foco podem ser as habilidades de brincar e aprender, assim como outras, mais básicas, para atividades da vida diária (ex.: saber se vestir, se alimentar, se arrumar e usar o banheiro de forma independente e melhorar as habilidades sociais, motoras e de percepção visual).

A Fisioterapia se concentra em qualquer problema do movimento que cause limitações funcionais. Crianças com autismo muitas vezes têm dificuldades motoras, tais como problemas para sentar, andar, correr e pular. A fisioterapia também pode tratar a falta de tônus muscular, equilíbrio e coordenação. E o acompanhamento psicopedagógico ajuda a desenvolver recursos para a aprendizagem, instrumentalizando com técnicas que o facilitem a aprender, investindo no potencial (habilidades) encontrado.

Junto com esses recursos, o apoio tecnológico do computador, *video game*, *tablet* e até mesmo os novos modelos de telefone celular são um grande aliado no tratamento do autismo. Grande parte dessas crianças gosta de estímulos

visuais. Para que o computador seja utilizado em terapia, será necessário um ambiente propício ao seu uso, como um local organizado e regras estabelecidas com a terapeuta.

Confira alguns aplicativos que podem auxiliar no tratamento do autismo:

Respondendo Perguntas – foi desenvolvido por uma fonoaudióloga e pode ser usado como recurso para pais, professores de educação especial, fonoaudiólogos. Perguntas como “Quem”, “Como”, “Onde” e “O quê?” são usadas para ajudar diversas crianças com atraso de linguagem e que demonstram dificuldade em responder a estes tipos de perguntas. Através do aplicativo e com a prática, eles poderão realizar isso corretamente. Disponível na *App Store*.

Encontrando Absurdos – inclui 120 imagens, algumas consideradas “engraçadas” ou contendo absurdos. À medida que as crianças são apresentadas às imagens, elas devem identificar se há presença ou não de abusos. Pessoas com autismo e outros atrasos de comunicação têm dificuldade em identificar a presença de detalhes e descrever imagens. Este aplicativo tem o objetivo de orientar o ensino e proporcionar uma forma divertida para a prática da linguagem expressiva. Também disponível na *App Store*.

Aprendendo Adjetivos – foi projetado para ser usado por pais, professores, educadores especiais ou fonoaudiólogos. A atividade pode ser jogada com um ou mais participantes ao mesmo tempo, permitindo que várias crianças brinquem juntas. O aplicativo analisa os resultados e monitora o progresso, que podem ser enviados por *e-mail* ou impressos. Também disponível na *App Store*.

Colaboração: Jéssica Almeida

Instituto Nacional de Tecnologia (INT)
Av. Venezuela, 82 – Saúde – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20081-312
Tel.: (21) 2123-1018
Site: www.int.gov.br
Fotos: Comunicação



A ciência no cotidiano

Projeto reúne experiências com objetos presentes no dia a dia

Moléculas, pressão atmosférica, cristais no ovo, foram alguns experimentos feitos pelos alunos do Ciep 201, localizado em Duque de Caxias, que fizeram parte da Feira de Ciências, Tecnologia e Sociedade, idealizada pelo professor de Matemática Adenildo Silva. O principal objetivo da atividade era integrar as quatro disciplinas – Matemática, Química, Física e Biologia – em um único projeto, desmistificando a dificuldade associada à área de exatas. “Mostrar para esses alunos que essas disciplinas têm uma ligação e fazem parte do nosso cotidiano. E, a partir do conhecimento adquirido nesse projeto, torná-los seres mais críticos”, afirma a professora Daniela Vitorino, também de Matemática.

Intitulada, pelo professor de Física Leandro Germano, de Feira de Ciências, Tecnologia e Sociedade, visa demonstrar para o aluno a relação entre esses três campos. A feira surgiu no ano passado e, segundo a docente de Química Cristiane Moraes, foi de suma importância ter participado na ocasião. “Pois nos ajudou e tivemos como consertar os erros da edição anterior. Foi importante para eles e pra nós também, serviu como uma experiência e nos ajudou muito na feira desse ano”, completa.

A aluna do Ensino Médio explica seu experimento sobre as moléculas

O projeto foi realizado por turmas do Ensino Médio nos períodos da manhã e da tarde. “Porque esses alunos já possuem o conhecimento necessário para esse tipo de projeto”, explica Daniela. Segundo ela, o trabalho foi organizado em etapas. Foi feita a divisão de grupos, compostos de 6 a 10 alunos, com cada um tendo seu representante para discutir com os professores e demais participantes sobre o tema escolhido. A partir daí, a avaliação seria feita em três etapas: a primeira seria sobre a pesquisa e a parte escrita. A segunda, a apresentação estética, e a terceira sobre o domínio do conteúdo, individual e em grupo. Os professores que avaliaram os grupos são aqueles que não estão fazendo parte das turmas que apresentaram o projeto. A nota foi para as disciplinas de Matemática, Física, Química e Biologia dos alunos que atuaram no trabalho.

Segundo a professora Cristina, no início os alunos ficaram com bastante receio, pois não acreditavam que seriam capazes de realizar um projeto de tamanha grandeza, abrangendo as quatro disciplinas. “Com isso, tivemos que trabalhar com eles a questão da autoestima, orientá-los e fazer com que “enxergassem” que eram capazes”, conta. O professor de Matemática completa afirmando que atualmente os alunos estão muito ligados ao ineditismo, muitas vezes não sabem esperar ou pensar em algo como um projeto maior para o futuro. “E nós, como educadores, temos o papel de mostrar a eles que é necessário pensar no futuro, aproveitar ao máximo o conhecimento adquirido na escola, pois no futuro isso será recompensador”, explica.

Os professores procuraram inserir na Feira assuntos do cotidiano. Por exemplo, uma turma falou sobre o celular, por ser algo muito presente no dia a dia dos alunos. Dessa forma, eles poderiam entender que o conteúdo aprendido em sala de aula também pode ser aplicado na vida prática. “Fazer com que gostem da matéria, porque Matemática, Física e Química são ‘vilãs’ para esses estudantes. Então, de uma maneira mais prática, esse projeto teve o intuito de ‘aproximá-los’ das disciplinas e fazer com que se sintam mais íntimos delas”, explica a diretora adjunta Ana Cátia.

Um grupo da turma 1.001 fez o experimento do foguete. Segundo os alunos Rui Nascimento, Barbara Duarte e Guilherme Conceição, eles prepararam a pesquisa em casa e a trouxeram para ser executada durante a feira. Para isso, os estudantes usaram alguns materiais muito comuns no dia a dia, como garrafa *pet*, vela e fósforo. Com isso, fizeram o foguete funcionar e mostraram o conteúdo aprendido em sala de aula de forma prática. “O que mais gostamos de fazer foi colocar a mão na massa, ver o experimento se tornar realidade”, afirmaram. Já os alunos da turma 2.005 realizaram experiências como a da pressão atmosférica e outras nas quais empregaram balões, leite e “cristais no ovo”, sempre com base no conteúdo aprendido em sala de aula e de forma prática, a partir de objetos utilizados no cotidiano.

Durante o evento, os alunos tiravam as suas dúvidas com qualquer professor envolvido no projeto, não apenas com aquele responsável pelo seu trabalho. “Essa interação dos alunos com os professores foi muito bacana, o que também serviu para melhorar nossa relação. Nós almejamos que essa feira prossiga nos outros anos e continuamente possamos aprimorar e conquistar mais resultados, afirmam os professores envolvidos no projeto.

Colaboração: Jéssica Almeida



Cada grupo, composto de 6 a 10 estudantes, abordou um tema diferente



Ciep 201 Aarão Steinbruch
Rua Presidente Kennedy, s/nº – São Bento
– Duque de Caxias/RJ
CEP: 25010-006
Tels.: (21)3659-1464 / 3659-1797
E-mail: aaraorico@yahoo.com.br
Diretora adjunta: Ana Cátia
Fotos: Marcelo Ávila



Divisibilidade: Como ensiná-la à garotada

Trabalhe com bons problemas, como o sugerido por Alessandra Scetta, da EMEF Dr. João Naoki Sumita, na capital paulista. A estratégia é bem mais interessante do que apresentar as regras que definem se um número é múltiplo de outro.

Beatriz Vichessi bvichessi@abril.com.br

Estabelecer relações entre os números de uma questão para resolvê-la é uma das habilidades que os alunos precisam desenvolver em Matemática ao longo da escolaridade. Só assim eles têm a chance de ganhar autonomia para sugerir estratégias e de compreender por que um resultado é possível e outros não, entre outros benefícios.

Durante o estudo da divisibilidade, essa postura não pode ser desconsiderada. Ela tem efeitos melhores do que apresentar regras que determinam se um número é divisível por outro. Por exemplo: "Um número é divisível por 3 quando a soma dos valores absolutos de seus algarismos for divisível por 3".

Apresentar regularidades desse tipo deixa muitas questões em aberto – como "o que a soma dos dígitos tem a ver com o valor do número?" – e os estudantes só aprendem a aplicá-las mecanicamente. Eles são capazes de fazer mais, como desenvolver resoluções com base no que já sabem. Essa aprendizagem, mais ampla e interessante, tem a ver com a organização de argumentos e representa um esforço intelectual que não pode ser dispensado pelo professor. Por meio dele, a menina se aproxima cada vez mais do fazer matemático e consegue compreender os resultados e as regularidades. Observe o diálogo seguinte:

Professor: *Temos 932 pessoas na escola e precisamos formar 3 grupos com o mesmo número de integrantes para uma gincana. Sem fazer a conta, é possível saber se a divisão será exata?*

João: *Não dá ... Não dá certo ... Não dá para dividir 32 por 3. Então, 932 também não dá. Professor: Por quê?*

João: *Porque sobra resto.*

Ana: *já sei! Todo número que termina com 32 não pode ser dividido por 3!*

Professor: *Interessante a conclusão.*

Vamos testar com outros números? 832 não pode ser dividido por 3? E 732?

(Os alunos resolvem as questões usando a calculadora).

Thais: *832 não dá. Sobra resto. Mas 732 dá, sim. Quando termina em 32, às vezes dá e às vezes não dá para dividir por 3.*



Imagem meramente ilustrativa

A ideia apresentada por Ana é valiosa e precisa ser considerada. Sem corrigi-la, o professor propõe alternativas para que as crianças testem se a afirmação é mesmo válida. Dessa forma, elas chegam a conclusões por conta própria.

“Ser divisível por” e “ser múltiplo de” são expressões sinônimas – daí a relação clara da multiplicação com a divisão: os múltiplos de 5, por exemplo, são divisíveis por 5 porque o resto dessa operação é zero. Da mesma forma, todos os números divisíveis por 5 são múltiplos de 5 – e isso precisa ser mostrado aos estudantes. Uma das estratégias de ensino mais endossadas pelos especialistas em didática é o uso de problemas, como o apresentado pela professora Alessandra na ilustração que abre a reportagem e os demais, mencionados ao longo do texto.

Atente para o fato de que as questões nem sempre precisam ter uma relação com fatos da vida cotidiana. “Também desafio a garotada a encontrar os valores divisíveis por 6 em uma tabela com números de zero a 100 e explicar o que eles têm em comum”, diz Alessandra. Com esse procedimento, ela espera que a turma aprenda os múltiplos para além das multiplicações básicas (*que só apresentam resultados até 60*) e estabeleça uma relação com os resultados divisíveis por 2 e por 3, já que $2 \times 3 = 6$. Sendo assim, para ser divisível por 6, o número tem de ser, necessariamente, múltiplo de 2 e de 3. O quadro abaixo ilustra a situação:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

Quando questionada, a meninada usa os resultados da tabuada e o cálculo mental. “São duas boas possibilidades para lidar com a divisibilidade e devem ser bem exploradas em sala”, diz Mercedes Carvalho, professora da licenciatura em Pedagogia e em Matemática na Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Alessandra conta que no início os alunos dizem que todos os múltiplos de 6 são pares. “Essa informação é válida, porém parcial. Questiono, então, se todos os pares são múltiplos de 6.” Assim, ela encaminha a garotada a refletir sobre outra propriedade que esses números têm em comum: ser divisível por 3.

Assim como o professor do diálogo apresentado na página à esquerda, Alessandra se baseia no conhecimento do grupo, ainda que equivocado ou parcial, para construir uma informação correta e completa. Outra postura interessante da educadora é não fazer as crianças memorizarem os múltiplos de 6, mas levá-las a estabelecer relações entre os já conhecidos para acessar outros.

Encaminhar os estudantes à aprendizagem das regularidades, como se esse fosse o objetivo final do trabalho, não é obrigatório. Para descobrir se 368 é divisível por 8, eles podem recorrer à tabuada do 8, à do 4 e à do 2 ou ao cálculo mental. Sua tarefa é ajudá-los a encontrar formas econômicas e confiáveis de calcular. “Isso é tão útil quanto saber as regras da divisibilidade, que muita gente decora mesmo sem compreender por que funcionam”, afirma Mercedes. Trabalhar dessa maneira também ajuda a classe a ganhar mais agilidade na resolução de problemas e na conferência das respostas e a se aproximar das propriedades a respeito do sistema de numeração.

Mais em novaescola.org.br/extras

Sequência didática sobre divisibilidade.

Reportagem *Um Novo Jeito de Ensinar a Tabuada*.

Entrevista com Paola Tarasow e Mercedes Etchemendy sobre divisão.

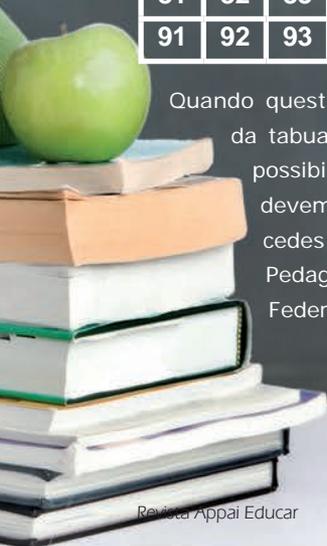


Imagem meramente ilustrativa

O ano de 2012 foi bissexto, pois fevereiro teve 29 dias.

Esse fenômeno ocorre a cada 4 anos.

É possível dizer se 1982 foi bissexto? E 2024?

Resolução do problema para saber se 1.982 é divisível por 4: é mais fácil usar 1.980.

$$\begin{array}{r} 1980 \overline{) 4} \\ 38 \ 495 \\ \underline{20} \\ 0 \end{array}$$

1980 é, então 1982 não é.

2024 → é divisível por 4
→ também é divisível por 4

2024 é.

Um fabricante de meias embala sua produção de duas maneiras: embalagem tradicional, com 5 pares, e embalagem econômica, com 10 pares. No estoque, há 35 pacotes de embalagens tradicionais e 40 econômicas. É possível reorganizar os produtos só em embalagens econômicas? Por quê?

Em pacote de 10 não dá. 175 não é múltiplo de 10 porque não termina em 0.

40 econômicas - 10 pares cada - total de 400 pares

35 tradicionais - 5 pares cada - total de 175 pares

$400 + 175 = 575$ pares em embalagens com 10 pares - $575 : 10 = 57$ embalagens e sobram 5 pares

Não é divisível por 10 também.

Com base na conta 4.634 dividido por 9, obtemos resto 8 e quociente 514. Sendo assim, sabemos que 4.634 não é múltiplo de 9. Qual o número múltiplo de 9 mais próximo de 4.634?

$$4.634 - 8 = 4.626$$

$$4.626 + 9 = 4.635$$

Entre quais dos múltiplos de 19 está 2.060?

$$\begin{array}{r} 2060 \overline{) 19} \\ 160 \ 108 \\ \underline{8} \end{array}$$

$$2.060 - 8 = 2.052$$

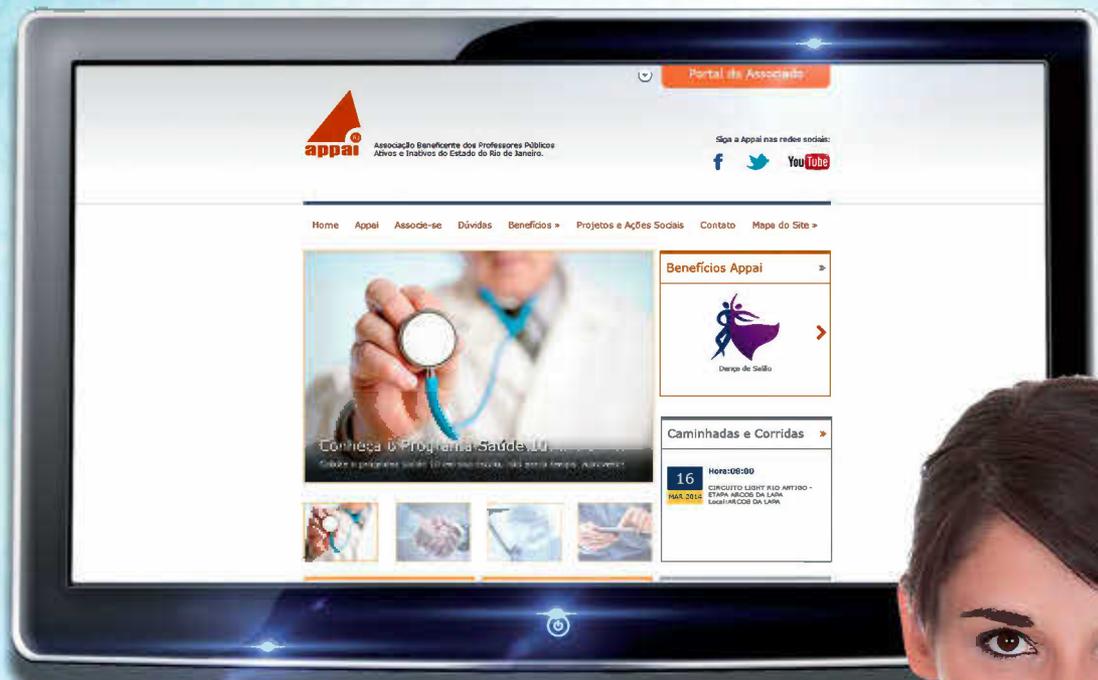
$$2.052 + 19 = 2.071$$

Se estou na 139ª posição de uma reta numerada de zero a 139 e der saltos para trás de 3 em 3, chegarei a zero?

$$\begin{array}{r} 139 \overline{) 3} \\ 19 \ 46 \\ \underline{1} \end{array}$$

Não, porque 139 não é múltiplo de 3.

O portal do associado oferece:



FACILIDADES

comodidades

Rapidez
segurança
privacidade



Tudo isso para VOCÊ!

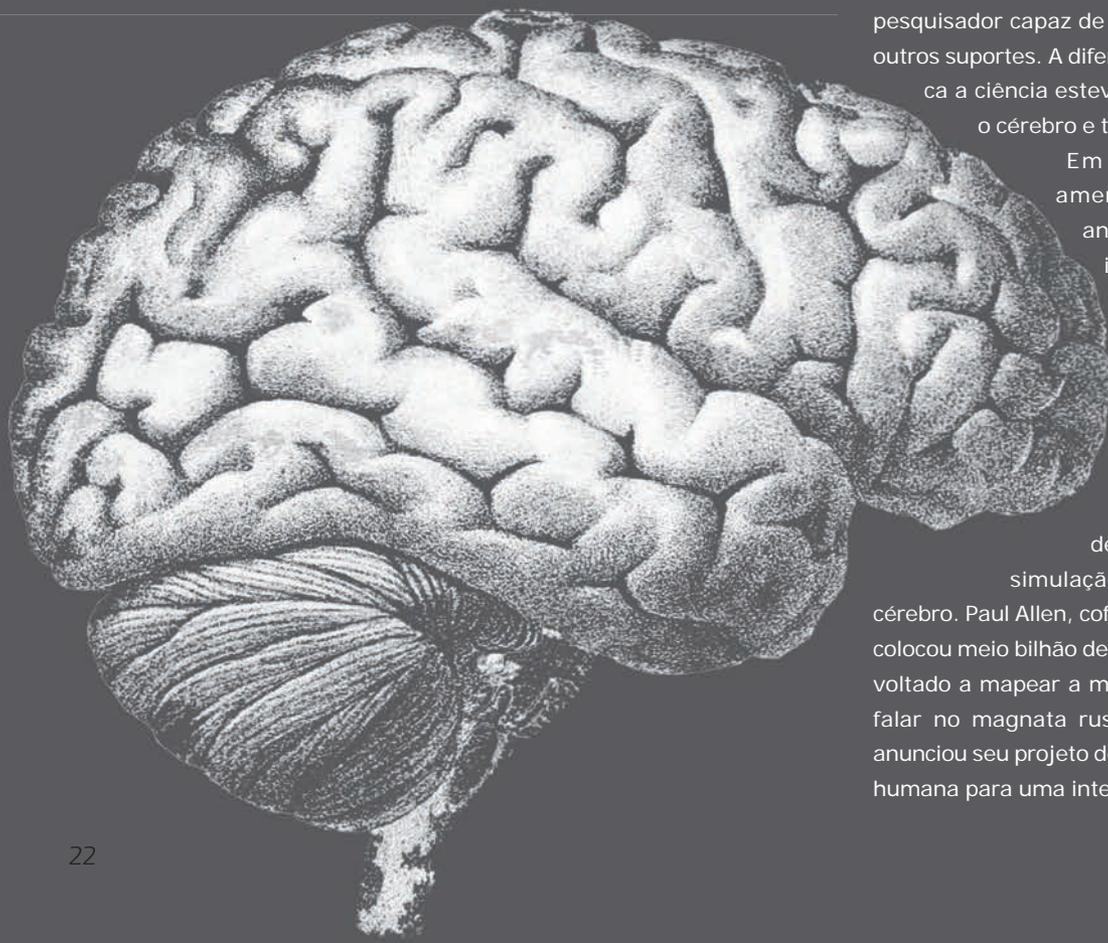
É só clicar  : appai.org.br



Em busca do cérebro imortal

Thiago Cordeiro

Nunca a ciência esteve tão voltada a mapear completamente os caminhos da mente. Saiba por que essa empreitada pode fazer com que a nossa consciência sobreviva à morte do corpo.



◆ Um bisturi com um diamante na ponta fatia o cérebro de um rato. Com 15 nanômetros, os pedaços precisariam ser mil vezes mais grossos para chegar à espessura de um fio de cabelo. Coloridos com emulsões químicas e colocados num ambiente a vácuo dentro de um microscópio eletrônico, são fotografados em altíssima resolução. O resultado do trabalho do Instituto Paul Allen, em Seattle, são imagens que podem representar os primeiros passos de uma revolução. O mapeamento cerebral, com nível inédito de detalhes, pode conduzir a um futuro em que sejamos capazes de transformar as conexões mentais em dados, com implicações quase inacreditáveis. No momento em que for possível fazer o *upload* de todo o conteúdo do nosso cérebro, poderíamos transmitir esses dados para outros corpos, não necessariamente biológicos.

É natural que a ideia soe como ficção científica. Tornar a nossa mente imortal é tema caro a grandes autores do gênero, como Isaac Asimov, Arthur C. Clarke e Frederik Pohl. A obra mais recente sobre o assunto é "*Transcendence*", filme a ser lançado no início de maio no qual Johnny Depp interpreta um pesquisador capaz de transferir a mente para outros suportes. A diferença, agora, é que nunca a ciência esteve tão voltada a decifrar o cérebro e transformá-lo em dados.

Em 2013, o presidente americano Barack Obama anunciou a disposição de investir US\$ 3 bilhões na iniciativa *Brain*, que pretende mapear todos os nossos neurônios em dez anos. A Comissão Europeia, na mesma época, destinou 1,19 bilhão de euros para criar uma simulação computadorizada do cérebro. Paul Allen, cofundador da Microsoft, já colocou meio bilhão de dólares em seu instituto voltado a mapear a mente humana. Isso sem falar no magnata russo Dmitry Itskov, que anunciou seu projeto de transferir a consciência humana para uma interface robótica até 2045.

A escolha do ano não é aleatória. É quando, segundo uma previsão do pioneiro da inteligência artificial e diretor de engenharia do Google, Ray Kurzweill, a humanidade vai alcançar a imortalidade fazendo o *upload* da mente. Itskov abraçou a polêmica meta e criou a Iniciativa 2045, que faz reuniões periódicas com especialistas em busca desse objetivo. O projeto criou um cronograma, visando a atingir os principais passos necessários a uma transferência da mente: a) mapear o cérebro em detalhes; b) transmitir e dar sentido às informações; e c) construir um suporte que possa receber os dados, o que pode ser um avatar robótico ou um *software*. Há pesquisadores trabalhando, neste instante, em todas essas frentes.

Street view da mente

A ideia de que um detalhado mapa cerebral pode conter dados sobre a nossa personalidade parte da teoria, bem aceita entre neurocientistas, de que ela está impressa no cérebro. “Nossa consciência, nossa memória, nossas concepções são muito dependentes de nossas conexões”, afirma o Ph.D em neurologia Arhur Toga, um dos principais

pesquisadores do mundo na área. Há muitas evidências sustentando essa visão. Uma série de pesquisas tem observado que, quando passamos por alguma experiência, nossa massa cinzenta reage fortalecendo ou enfraquecendo ligações entre os neurônios. É nessas conexões, fruto da interação do meio ambiente com nosso genoma, que estaríamos as informações sobre quem somos. Na verdade, para eles, nós somos as nossas conexões.

O interesse por esses dados levou a comunidade científica a se inspirar no Projeto Genoma para mapear em alta resolução toda a coleção de conexões entre os neurônios e caminhos cerebrais, que passou a ser chamada de *connectome*. O *Human Connectome Project* foi lançado em 2009 pela NIH, a agência de pesquisa de saúde do governo dos EUA. Ele tem como meta entender como os 100 bilhões de neurônios humanos fazem todas as 100 trilhões de conexões possíveis entre eles, em que momentos, de que forma e com quais objetivos. Para isso, está recorrendo às melhores técnicas de imagem para mapear cérebros de 1.200 adultos. Os dados são colocados *on-line* para serem analisados por neurocientistas em laboratórios do mundo todo. ◆

A Caminho do Avatar

Conheça as metas da iniciativa 2045 até chegar ao *upload* da mente

2015-2020

Surgimento de uma cópia robótica do corpo. Remotamente controlada por interfaces cérebro-máquina. Em que pé está: o mais perto de um corpo robótico controlado pela mente é o exoesqueleto de Miguel Nicolelis, que deve ser lançado durante a Copa do Mundo.

2020-2025

Avatar para o qual o cérebro é transplantado no fim da vida.

Em que pé está: já existe tecnologia para ler comandos cerebrais e movimentar próteses robóticas de mãos, braços e pés, mas ainda não com precisão para um avatar.

2030-2035

Avatar com inteligência artificial, para o qual a personalidade de uma pessoa é transferida no fim da vida.

Em que pé está: o primeiro passo para digitalizar a personalidade é decodificar as conexões neuronais, o que está em curso e deve demorar pelo menos dez anos.

2040-2045

A consciência sobreviverá sem corpo robótico ou orgânico.

Em que pé está: o projeto Carbon Copies pretende simular mentes independentes de substratos, mas ainda não há nada de concreto.

◆ “Estamos criando um mapa de região, com a geografia local, as estradas. Conhecemos as pistas principais, mas não as vias secundárias”, afirma Toga, líder do projeto e chefe do principal laboratório de imagem envolvido na empreitada, o da Universidade do Sul da Califórnia. Uma nova geração de equipamentos de ressonância cerebral consegue chegar a um detalhamento de um milímetro cúbico de cérebro.

Parece muito, mas dentro desse milímetro cúbico podem caber dezenas de milhares de neurônios com todas as suas conexões. Chegar mais perto, por enquanto, só com técnicas invasivas, o que não dá para fazer com pessoas (pelo menos não com as vivas).

É por isso que o instituto de Paul Allen fatia com precisão uma região de cérebros de ratos. Para gerarmos

agora imagens com nível de detalhamento de neurônios para um cérebro humano seria necessário 1,1 bilhão de *terabytes* para guardá-las, estima o cientista do MIT Sebastian Seung. Pra se ter uma ideia, isso é mais ou menos o tráfego total de dados da internet em um ano, de acordo com a companhia Cisco.

Mapear o cérebro de ratos, portanto, é uma forma de driblar esses obstáculos. “Existem grandes diferenças entre cérebros de ratos e de humanos, mas os processos que fazem um rato se esconder ao ver a foto de um gato

podem nos ensinar muito sobre como nosso cérebro reage a estímulos”, diz a bióloga Hongkui Zeng, líder do programa de pesquisa e desenvolvimento da entidade.

Antes do estudo com ratos, pesquisadores do instituto fizeram um mapeamento dos mecanismos bioquímicos por trás do funcionamento da mente usando ressonância magnética em cérebros de seis pessoas mortas. Descobriram que 84% de nossos genes de todo o nosso DNA se tornam ativos em alguma parte do cérebro, o que gerou montanhas de dados ainda sendo analisadas. ◆

O que pode acontecer com o *upload* da mente?

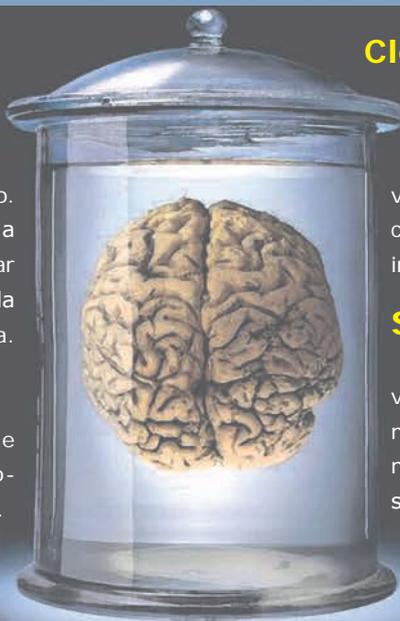
Galileu pediu a cientistas e filósofos que previssem possíveis implicações da digitalização do cérebro.

Turbinado

Nossos neurônios trocam sinais a, no máximo, 150 metros por segundo. Nada mal, mas um computador pode trocar *bits* à velocidade da luz, 2 mil vezes mais rápido. Transplantada para um cérebro artificial, a mente poderia ter um *upgrade* e solucionar questões complexas, como a unificação da teoria da relatividade com a física quântica.

Mochileiro das galáxias

Se a mente virar dados, um feixe de *laser* poderia transportá-la na velocidade da luz para mundos distantes. “Embora possa demorar séculos para o feixe chegar ao destino, do ponto de vista da mente sendo transmitida, a viagem seria instantânea”, escreve o físico teórico Michio Kaku em seu livro recém-lançado “*The Future of the Mind*”. Naves também poderiam transportar avatares robóticos sem carregar peso extra, como alimentos e equipamentos necessários à sobrevivência do corpo orgânico.



Clones

Um cérebro que virou dados pode ser transferido, copiado ou alterado. Diferentes versões de você poderiam ocupar vários avatares, que seriam mentes idênticas no momento da divisão. Nossa noção de individualismo viraria pó.

Sinta como eu sinto

Em vez de tentar descrever uma emoção, você passaria exatamente aquele estado mental a uma outra mente conectada à mesma rede. O papel da arte enquanto transmisora de emoções teria de ser ressignificado.

Crise de identidade

Estudos mostram que pessoas forçadas ao isolamento sofrem perda de memória, depressão e falta de capacidade de comunicação. “O *upload* da mente gerará a perda de nossos sentimentos, de nossas sensações. E isso pode levar a uma forte depressão”, afirma o filósofo da mente João de Fernandes Teixeira. É possível que, com o tempo, ao menos alguns suportem a mudança e comecem a enxergar no novo corpo uma casa definitiva.

Do cérebro para o mundo

◆ Há uma série de outras iniciativas complementares dentro do escopo do financiamento do programa *Brain*. De técnicas para melhor preservação do cérebro, como o da Brain Preservation Foundation, a análises sobre formato retilíneo de caminhos neurais descoberto no Centro Martins de Imageamento Biomédico, em Boston.

Apesar do aumento exponencial do banco de dados sobre nossa mente, especialistas estimam que um *connectome*

completo ainda deve demorar pelo menos uma década. “A tecnologia ainda precisa avançar muito. Não veremos nenhum mapeamento definitivo em menos de 15 anos”, afirma o neurocientista Randal Koene. Depois começa a etapa difícil de verdade: entender como essas informações se relacionam e como usá-las. São 10 mil laboratórios de neurociências no mundo trabalhando, nesse momento, em pesquisas relacionadas ao mapeamento cerebral e às conexões entre mente e máquina. A estimativa é do neuro-

fisiologista russo Mikhail Lebedev, especialista em interfaces cérebro-máquina e pesquisador da Universidade Duke.

Não é só por conta de magnatas preocupados com a imortalidade que o dinheiro corre para esses centros de pesquisa. Entender melhor o cérebro deve ajudar no combate a doenças degenerativas como Alzheimer e Parkinson.

Pesquisas dedicadas a solucionar limitações físicas também ajudam a avançar a tecnologia que poderá ser usada na transferência da mente a avatares com a capacidade de alojá-la. É o caso de toda a linha de trabalho do brasileiro Miguel Nicolelis. Seu exoesqueleto, que responde a impulsos cerebrais, está na linha de frente da comunicação entre máquinas e cérebro. Os estudos já permitiram, entre outras façanhas, que o cérebro de um macaco movimentasse dois braços mecânicos simultaneamente e devem fazer um tetraplégico dar o pontapé inicial na Copa do Mundo no Brasil.

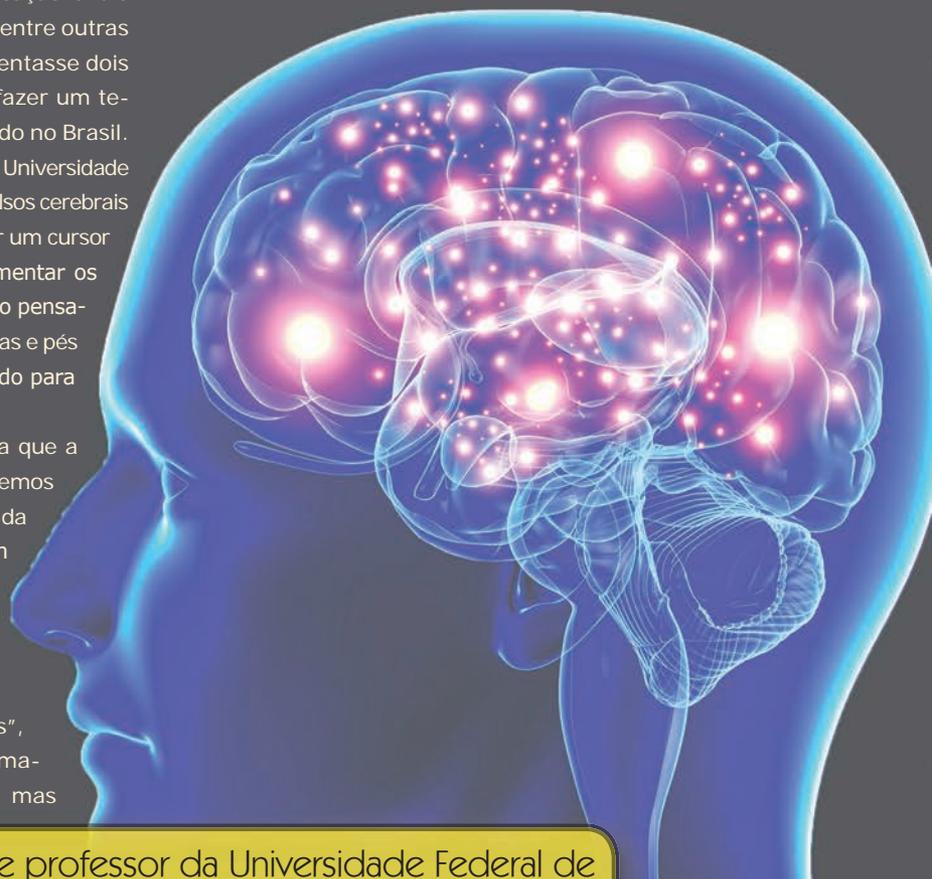
Outro dos pioneiros na área, John Donoghue, da Universidade Brow, desenvolveu uma interface de leitura de impulsos cerebrais que permitiu ao tetraplégico Matthew Nagle mover um cursor de computador, mudar os canais da TV e movimentar os dados de uma mão artificial apenas com a força do pensamento. Próteses eletrônicas de mãos, braços, pernas e pés cada vez mais sofisticados também têm colaborado para decifrar os caminhos de comunicação do cérebro.

Este, aliás, é outro dos pontos cruciais. Para que a interação com as máquinas seja viável, precisaremos de processadores que entendam a linguagem da mente. Isso significa simular nossos neurônios em forma de inteligência artificial. O *Projeto Synapse*, da IBM, deu um belo passo neste sentido: em 2011, lançou dois chips neurosinápticos, cujo funcionamento imita o do cérebro.

Compostos por 256 “neurônios eletrônicos”, eles não se limitam a processar dados da maneira como foram previamente programados, mas

aprendem com os resultados. O objetivo é criar um sistema completo e ligá-lo a sensores capazes de interagir com o ambiente em volta. Com base nas informações dos sensores e nas experiências aprendidas do passado, o sistema passará a adaptar seu comportamento.

Para chegar a isso, a estrutura precisará de 10 bilhões de “neurônios eletrônicos”, consumir menos de um quilowatt de energia e ocupar um volume menor do que dois litros. O segundo estágio do projeto conta com apoio do governo americano e parcerias com quatro grandes universidades: Columbia, Cornell, Ucla e Wisconsin.



Filósofo da mente e professor da Universidade Federal de São Carlos analisa as perspectivas abertas pela neurociência

“A vida pode ser insuportavelmente longa”, disse certa vez o poeta americano T. S. Eliot. De fato, quando conversamos com pessoas bem idosas, muitas deixam entrever seu cansaço com a vida, que resulta do acúmulo de experiências dolorosas e de tristezas causadas por perdas de todo tipo. A morte pode ser uma porta de saída. Mas, se formos imortais, o descanso fica inviável. Creio que a aspiração normal dos seres humanos é uma vida longa e com saúde. Mas não infinita.

Nossa mente está se adaptando à interação com dispositivos inteligentes, mas não conscientes. Isso está mudando o que concebemos como inteligência. Aliás, ela já mudou a partir do momento em que começamos a interagir com computadores, mesmo os atuais. Toda a nossa cultura foi adaptada à arquitetura da internet e das redes sociais. Em vez de as máquinas estarem se adaptando a nós, ocorre o inverso: estamos nos adaptando, cada vez mais, a elas.

Essa nova realidade traz um grande desafio ético: a perda da identidade pessoal. No mundo atual, já convivemos com as redes sociais que, embora não conectem diretamente o cérebro das pessoas, já criaram uma enorme rede na qual elas se identificam por meio de poucas características pessoais, cheias de falsas identidades e com valor excessivo dado à quantidade de amigos e seguidores. Albert Einstein já dizia: “O dia em que a tecnologia ultrapassar a interatividade humana, o mundo terá uma geração de idiotas”.

As pessoas se esquecem de que o importante não é a rede, não é estar conectado, mas as pessoas que estão nessa rede, quem são elas e por que se conectam. Imagino que, com um passo a mais – a ligação direta entre cérebros –, haverá uma destruição completa da individualidade e uma das suas principais características: a privacidade.

A chamada “reengenharia do cérebro” também é buscada ainda por um grupo de bioengenheiros da Universidade de Stanford, que já criou protótipos de *chips* não digitais que simulam o funcionamento dos neurônios pelo projeto *Blue Brain* do Instituto de Tecnologia de Lausanne. Este conseguiu conectar 10 mil neurônios virtuais por meio de cabos em um formato que imita a rede de neurônios.

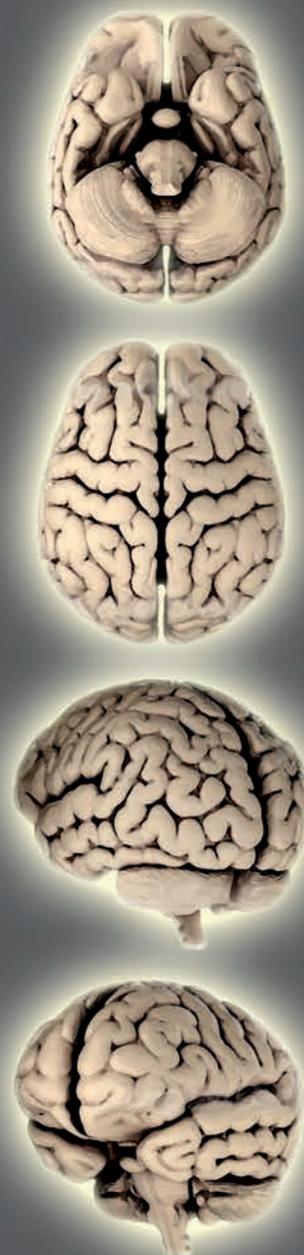
Nesse caminho, o projeto mais avançado de estruturas físicas é do neurocientista Theodore Berger, da Universidade do Sul da Califórnia. Ele criou uma prótese do hipocampo, área do cérebro ligada à memória. Testada em ratos e macacos, no último ano, o *chip* conseguiu substituir neurônios na função de guardar memórias.

Os testes com os humanos devem começar no ano que vem. Se o *chip* der resultado, num primeiro momento deve substituir neurônios de pessoas com Alzheimer. Num segundo, pode ser o pontapé inicial da substituição de partes do cérebro com componentes eletrônicos, a caminho de uma integração mais próxima entre a parte orgânica e a eletrônica. Esse tipo de estrutura física seria essencial para que uma eventual mente transformada em dados pudesse “habitar” a nova casa. Mas tão essencial quanto os *chips* neuronais seriam as simulações de inteligência artificial para tentar reproduzir a atuação da mente dentro de um suporte eletrônico.

“O próprio fato de a questão da imortalidade estar agora na mão de engenheiros, e não mais apenas de filósofos ou teólogos, já representa que este agora é um problema muito mais palpável”, afirma o neurofisiologista Mikhail Lebedev. “O mais importante é acelerar o desenvolvimento de todas as frentes de pesquisa necessárias para darmos este salto evolutivo”, diz o filósofo Anders Sandberg, professor do *Future of Humanity Institute* e um dos pesquisadores participantes da Iniciativa 2045. “É um bom momento para se estudar neurologia. Este é o campo de onde vão surgir as pesquisas e as invenções mais impactantes para nossa espécie”.

Mas, para que a imortalidade cerebral se torne viável, ainda existem muitos obstáculos a superar. Nosso cérebro pode realizar 36,8 quatrilhões de operações por segundo, mais do que o dobro do que o supercomputador mais potente hoje. Além disso, não basta alcançar a mesma capacidade de processamento, é preciso reproduzir exatamente o funcionamento do cérebro humano, uma tarefa que depende de avanços grandiosos em várias áreas: neurologia, ciência da computação, fotografia em alta resolução, nanotecnologia, genética, biotecnologia, engenharia, filosofia, psicologia... São tarefas para muitas décadas, possivelmente além de 2045.

As limitações não incomodam os pesquisadores. “Devemos demorar mais uns bons anos para decifrar o cérebro; mas estou certo de que conseguiremos. Quanto a transferir a mente, os desafios de engenharia ainda são muito grandes. Deve demorar mais que 2045”, diz Arthur Toga. “Assim como os arquitetos medievais, que projetavam catedrais que nunca veriam prontas, eles sabem que estão dando os primeiros passos rumo a um futuro viável apenas dentro de algumas gerações. Não seremos capazes de usar os avatares carregados com nossas mentes”, afirma Lebedev. “Mas estamos abrindo a trilha para que a próxima geração pavimente o caminho e a seguinte viva num mundo totalmente novo”.



Algumas pessoas que acompanham esta coluna vêm solicitando abordarmos uma questão que constitui dúvida para muita gente. Trata-se do plural de alguns vocábulos da Língua Portuguesa. Claro, daqueles irregulares, que escapam à regra bastante simples de empregar o “s” no final das palavras. Vamos então a alguns casos.

Palavras terminadas em consoante

Em geral trata-se das consoantes “r”, “z” e “n”. Nos dois primeiros casos basta fazer o plural com “es” (ex.: *mares*, *capazes* etc.), nenhum problema. No caso do “n” também funciona essa regra (ex.: *abdômenes*), mas às vezes a coisa se complica um pouco. Mas só um pouco! O plural dessa palavra também pode ser *abdomens*. Neste caso, repare que é usado apenas o “s” em lugar de “es”, e o vocábulo perde o acento pois passa a ser paroxítono e não mais proparoxítono. Outro exemplo:

espécimen – *especímenes*

Aqui também há o deslocamento de sílaba tônica, e o acento muda de lugar. É bem provável que se encontrem nos textos os casos mais simplificados (*abdomens*, *espécimens*), mas pode ser também que você se depare com os menos utilizados e aí vai precisar ter conhecimento para não errar o plural.

Plural no meio da palavra

Num fenômeno pouco comum em outros idiomas, em Língua Portuguesa temos casos de plurais que ocorrem no meio da palavra e não no final. É o caso de *qualquer* (*qual* + *quer*), cujo plural é *quaisquer*. A explicação lógica pra isso é que o *quer*, sendo um verbo, não tem o plural em “s” como acontece com substantivos. Assim, apenas o pronome *qual* vai para o plural.

Um outro caso é o do vocábulo *papezinhos*. Repare que se trata do plural do diminutivo da palavra *papel*. Por que não então “papelzinhos”? Porque a palavra é colocada no plural (*papéis*) antes de ir para o diminutivo, mesmo perdendo o “s”. Assim, temos:

Papel – *papéis* – *papei(s)zinhos*

Palavras que não se alteram

Alguns vocábulos não se alteram quando levados para o plural. Nesse caso, o artigo ou o próprio contexto é que vão nos informar que a palavra não está no singular. Os vocábulos terminados em “x” se enquadram aí (ex.: os *tórax*, as *xerox* etc.).

Algumas palavras com “x” no final apresentam formas paralelas. Nesse caso o plural ocorre seguindo a regra para essas formas. Veja:

cálix – *cálice*.....plural: *cálices*

índice – *índice*.....plural: *índices*

Há também outros casos: muitos *lápiz*, dois *atlas*, alguns *ônibus*.

Palavras de origem estrangeira

Algumas palavras usadas na língua corrente, mas que se mantêm como vocábulos de idiomas estrangeiros, vão para o plural respeitando a sua origem linguística. Exemplo bem interessante é o da palavra latina *campus*:

O *campus* da universidade foi ocupado.

Manifestações ocorreram nos vários *campi*.

Pra finalizar citamos a palavra *modem*, de origem inglesa e em grande evidência por causa da informática. Ao colocá-la no plural não se pode cair na tentação de seguir o modelo das palavras em Língua Portuguesa terminadas em “m”. O certo é *modems* e não *modens*.

Amigos, sobre plurais irregulares é isso. Até à vista, pessoal!

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestrando em Literatura Brasileira.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.

Mês das Corridas

Criado com intuito de promover maior qualidade de vida às pessoas, agregando saúde, lazer e responsabilidade social em um único local, a Appai, através do benefício de Caminhadas e Corridas, tem disponibilizado aos associados, beneficiários, funcionários, colaboradores e assistidos, um conjunto de ações e atividades de prevenção e manutenção da saúde dos praticantes.

No mês de maio, a Appai participou de três grandes festas do esporte. A primeira foi o Circuito Barra Run, na Barra da Tijuca; depois o Circuito Light Rio Antigo, na Praça Tiradentes, e, para finalizar, a Corrida das Torcidas Caixa 2014, no entorno do estádio do Maracanã.

Circuito Barra Run

O circuito Barra Run é definido pelos organizadores do evento como um projeto para a família. “Uma forma de propiciar aos adultos uma prova prazerosa e estimulante, dentro de um clima amistoso e familiar, além de incentivar nos pequenos, desde cedo, a vontade de praticar esportes”. A associada Monique Portela, que participou da corrida acompanhada do marido e do filho, conta que é uma oportunidade de unir esporte, lazer e atividade cultural num só lugar. “Poder integrar nosso filho a esse movimento é maravilhoso!”, explica.

Segundo o diretor da Appai, Julio Cesar da Costa, a adesão às provas está cada vez maior. “O professor demonstra um grau de consciência muito grande, preocupado com o bem-estar e ensinando isso para outras pessoas. Mostrando que a saúde vem em primeiro lugar, pois não fazemos nada na vida sem ela”, explica.

A maratonista Márcia Narloch afirma que o sucesso não ocorre por acaso. “Acontece com trabalho e dedicação. A comprovação disso são os resultados na prova: Gisele Barros de Jesus

conquistou o primeiro lugar na classificação geral do feminino. No masculino, Cosme Ancelmo de Souza (1º lugar), Flavio Carvalho Stumpf (4º lugar), Bruno Willian Felix de Albuquerque (5º lugar), Josias Nepomuceno Ribeiro (6º lugar), Fabiano Moura dos Santos (7º lugar) estiveram entre os primeiros colocados”.

Circuito Light Rio Antigo – Etapa Tiradentes

Embalados por esse contexto de vitória, mais uma vez associados e apaixonados pelo esporte lotaram a tenda da Appai para o Circuito Light Rio Antigo – Etapa Tiradentes. O associado Frank Costa conta que o que mais motiva a participar de provas como essa é a infraestrutura oferecida pela Associação. “Depois que você começa a praticar um esporte com o incentivo que temos aqui, cercados por pessoas de todas as idades e principalmente pela família, fico com mais vontade de correr. Já perdi peso e com isso tenho mais disposição para o trabalho e atividades do cotidiano”, explica.

Indo mais além, o associado Marco Aurélio afirma que participar das caminhadas e corri-





Ao se inscreverem na corrida, os associados também participam do sorteio na tenda da Appai



Reunindo pessoas de todas as idades, o evento é descrito pelos participantes como um espaço de saúde, lazer e socialização

das incentiva também a prática de outros esportes. “Eu, por exemplo, estou fazendo triatlo. Caminhar é bom, correr é excelente e estar nessa festa é melhor ainda”, conta.

Márcia Narloch declara que mais uma vez a equipe está de parabéns. No feminino, Iris Ribeiro do Nascimento e Gisele Barros de Jesus conquistaram o 1º lugar, nos 5 e 10 km, respectivamente. No masculino, Flavio Carvalho Stumpf (1º lugar) e Josias Nepomuceno Ribeiro (2º lugar), ambos no percurso de 5 km. E nos 10 km Cosme Ancelmo de Souza conquistou o ponto mais alto do pódio.

Corrida das Torcidas

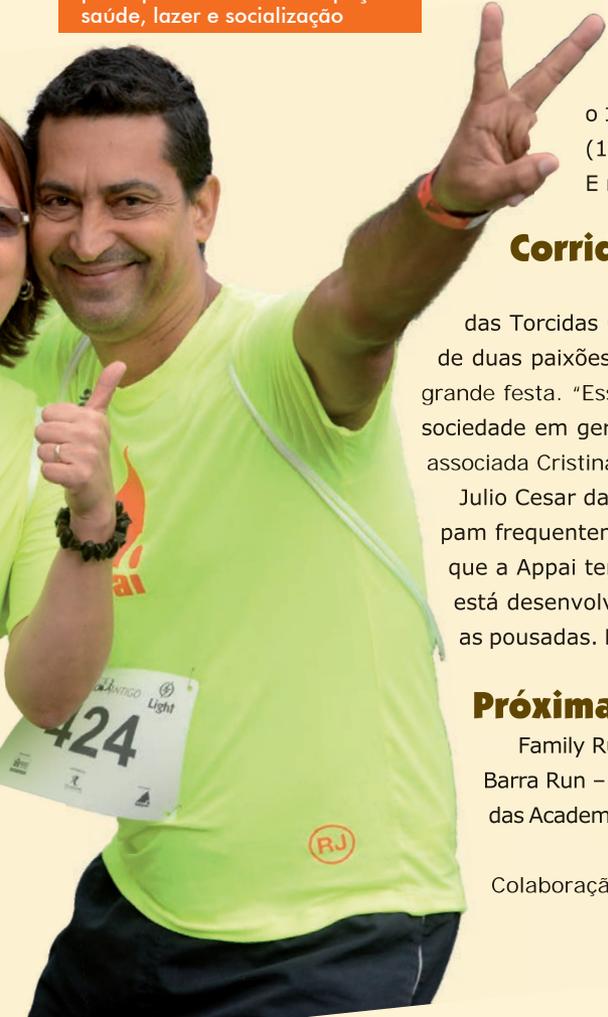
Para fechar o mês de maio com chave de ouro, a terceira prova foi a Corrida das Torcidas Caixa 2014. E, conforme os organizadores do evento descrevem, “é a união de duas paixões dos cariocas: o futebol e a corrida de rua”. O Maracanã foi o cenário dessa grande festa. “Esse circuito não é só para atletas que estão competindo, mas também para a sociedade em geral. E o melhor de tudo é que une a qualidade de vida ao esporte”, afirma a associada Cristina Helena.

Julio Cesar da Costa afirma que, na Europa e na América do Norte, os professores participam frequentemente de atividades físicas. “No Brasil, isso também já é uma realidade. E o que a Appai tem feito é contribuir e reforçar essa prática”. Além disso, o diretor conta que está desenvolvendo dois novos benefícios para os associados. “Um deles tem ligação com as pousadas. Prefiro guardar segredo, mas garanto que alguma coisa boa vem aí”, adianta.

Próximas Corridas

Family Run – 27/07/2014; Circuito Light Rio Antigo – Etapa Paço Imperial – 10/08/2014; Barra Run – 14/09/2014; Circuito Light Rio Antigo – Etapa Cinelândia – 12/10/2014; Corrida das Academias – 16/11/2014; Circuito Light Rio Antigo – Etapa Porto Maravilha – 07/12/2014.

Colaboração: Jéssica Almeida





Cidadania através da cultura

Aulas de teatro, música, dança em prol da educação

“As aulas oferecidas aqui são instrumentos para se chegar à cidadania. Elas conseguem desenvolver mecanismos que são muito interessantes para a sociabilização. Ajudam a criança e o adolescente a ter noção de espaço, respeitando os limites de cada um. Limites esses, que são de extrema importância para o convívio em sociedade”, afirma Marcelo Andriotti, idealizador e coordenador da ONG Favela Mundo, localizada em dois polos, o primeiro em Vargem Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, e agora em Água Santa, na parte norte da cidade.

O projeto, criado em 2009, que desenvolve atividades lúdicas e profissionalizantes focadas em crianças e jovens de 6 a 18 anos, é voltado para educação e cultura. Na ONG são ministradas oficinas de teatro, violão, dança afro, danças populares brasileiras e inglês. Para os maiores de 16 anos, além das aulas de língua inglesa, são oferecidos cursos de maquiagem social e artística. “Na oficina de maquiagem artística, que é a única com caráter profissionalizante, as pessoas já saem com o conhecimento para trabalhar em festa infantil, em carnaval ou qualquer atividade que exija um toque artístico”, explica o coordenador.

A pedagoga e professora da oficina de expressão corporal, Emília Pinheiro, explica que o objetivo é trabalhar com a memorização através dos gestos. “Dessa forma, a criança conhece seu corpo, seus movimentos, se percebe



no espaço. E esse trabalho, somado ao escolar, faz com que o rendimento seja maravilhoso! Os alunos participam das aulas de música, dança, teatro, violão, que são todos movimentos com o corpo e com a mente. O nosso objetivo é torná-los cidadãos que cumprem com seus deveres e respeitam as regras”, explica Emília.

Segundo a professora de dança Rosana Helena, são notórias as mudanças na conduta dos alunos. “Algumas crianças que eram muito agitadas começaram a se acalmar. Isso é bom porque melhora o rendimento escolar e o comportamento em casa. Temos alguns estudantes com deficiência, que agora estão conseguindo interagir com o grupo na maior naturalidade. Nas minhas aulas busco incentivar a prática corporal, por meio da vivência de ritmos variados, resgatando o lúdico e o prazer, pelos inúmeros estilos na dança. É muito gratificante desenvolver esse trabalho e ajudá-los a construir um futuro brilhante!”, afirma a docente.

Para este ano, o Favela Mundo vai receber a *Education First*, maior instituição no ensino de idiomas do mundo, para desenvolver cursos de inglês. O objetivo é preparar os alunos para recepcionarem os turistas que virão à cidade nos grandes eventos internacionais. “A nossa missão é contribuir para o desenvolvimento social e humano, utilizando a cultura, a educação, o esporte e a consciência ambiental como pilares centrais do alcance de uma cidadania plena”, comenta Marcelo.



A ONG, que desenvolve atividades lúdicas e profissionalizantes, oferece aulas de maquiagem artística, dança e violão



O coordenador afirma também que o objetivo é que a ONG Favela Mundo cresça cada vez mais. “É muito gratificante ver a mudança de uma criança que antes não tinha perspectiva de vida, e hoje tem sonhos. Queremos ajudar o maior número de pessoas e colaborar para o desenvolvimento dessa cidade”, explica.

As aulas são gratuitas e acontecem diariamente, dependendo do curso escolhido. A única exigência é para os menores de 18 anos, que precisam estar matriculados na escola. De acordo com Marcelo, mais de 60% dos alunos tem entre 6 e 10 anos. “Em sua maioria, o perfil dessas crianças é de famílias monoparentais femininas. Independentemente disso, há casos de lares desestruturados, convivendo com violência e agressão. Por isso o trabalho com a arte se faz tão necessário”, explica.

Para se inscrever basta levar cópia do comprovante de residência, Identidade e CPF (se for menor de idade, apresentar documentos dos pais), 1 foto 3x4 e estar regularmente matriculado e frequentando alguma escola (se menor de 18 anos).

Colaboração: Jéssica Almeida



O idealizador e coordenador da ONG acredita que as aulas oferecidas são instrumentos para se chegar à cidadania

Favela Mundo
Rua Poconé, 78 – Água Santa – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20745-090
Estrada Pacuí, 80 – Vargem Grande – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22785-160
Tel.: (21) 2236-4129
Site: www.favelamundo.org.br
Fotos cedidas pela ONG



Atleta da Appai vence Maratona

Vestindo a camisa da Appai, Edmilson dos Reis chega em 1º lugar na Maratona Internacional do Rio de Janeiro

Com jeitinho mineiro de ser, o baiano Edmilson dos Reis Santana, de 27 anos, que mora em Belo Horizonte desde os 15, venceu a Maratona Internacional do Rio de Janeiro, na manhã de um domingo chuvoso. O atleta completou a prova em 2 horas, 17 minutos e 14 segundos, deixando para trás o queniano Elijah Kemboi e o brasileiro Antônio Lima.

A largada para os 42 km da maratona aconteceu na Praça do Pontal Tim Maia, no Recreio dos Bandeirantes, passando por Barra, São Conrado, Leblon, Ipanema, Copacabana, Botafogo, Flamengo e com chegada no Aterro. Na manhã esportiva também foi disputada a Meia Maratona do Rio, com largada na Praia do Pepê, na Barra, finalizando também no Aterro do Flamengo.

O atleta conta que começou a correr em Brejo Grande, no interior da Bahia. “Fazia aula de capoeira e tinha alguns amigos que já corriam há bastante tempo. Um dia, eles me chamaram para fazer exercícios como treinamento e me fizeram correr por duas horas. Depois disso, fui pegando gosto pelo atletismo e não parei mais”, lembra.

Aos 15 anos, Edmilson foi para Belo Horizonte (MG), com o objetivo de trabalhar e correr, até conseguir um apoio para se dedicar somente ao esporte. “Ralei até os 22 anos, troquei molas de caminhão, trabalhei em restaurante etc. Depois arrumei o apoio de uma loja, que pagava passagens para eu participar de algumas corridas e ajudava com o uniforme”, explica.

A partir daí, começou a competir em diversas cidades do Brasil. Segundo Domiciana Gomes, treinadora do atleta há 3 anos, outra grande prova em que ele se destacou foi a Maratona Internacional de São Paulo, no ano passado. “Edmilson disputou uma prova internacional e foi o único brasileiro a subir no pódio, ficou em 4º lugar na colocação geral. Essa foi uma grande vitória!”, lembra.

A treinadora conta que a parceria com a Appai começou no ano passado e já trouxe grandes resultados. “O apoio da

Associação foi extremamente importante, porque conseguimos melhorar o treinamento e isso já rendeu um retorno satisfatório para nós. A prova do sucesso dessa união é o resultado da Maratona Internacional do Rio de Janeiro, em que conquistamos o primeiro lugar no pódio. Esperamos que essa parceria dure por muito tempo e possamos trazer grandes resultados para a Appai”, afirma Domiciana.

De acordo com Edmilson, a vitória na competição já trouxe muitas mudanças para sua vida. “Representou muita coisa para mim, abriu muitas portas. Há muitas pessoas ligando, querendo fazer entrevistas. Até a rádio da minha cidade ligou! Além disso tudo, já estão me chamando para participar de outras provas”, conta.

Ele conta também que foi muito importante vencer a maratona, pois nunca havia conquistado uma posição tão importante em uma prova de nível internacional. “Já estou começando a me preparar para as próximas competições, mas o meu maior objetivo são as Olimpíadas de 2016. Sei que existem excelentes adversários, mas pretendo dar o meu melhor. Quero representar mais uma vez a Appai no pódio”, finaliza o atleta, com um largo sorriso no rosto.

Colaboração: Jéssica Almeida



O atleta Edmilson ao lado de Domiciana, sua treinadora



Relacionando tem

Experiências práticas e exemplos do cotidiano ajudam a compreender o que é velocidade e diferenciar essa grandeza de rapidez

O senso comum costuma confundir rapidez e velocidade, mas os termos nem sempre são sinônimos. Rapidez diz respeito a qualquer variação no tempo, independentemente do ponto de partida e chegada. Já velocidade relaciona a distância percorrida, o tempo gasto, a direção e o sentido do movimento. Por isso, pode até chegar a zero. “Um carro de Fórmula 1 é capaz de percorrer todo um circuito com grande rapidez. Mas se ele passa novamente pela largada sua velocidade é zero”, explica Cristian Anunciato, físico e pesquisador da Sangari Brasil, em São Paulo.

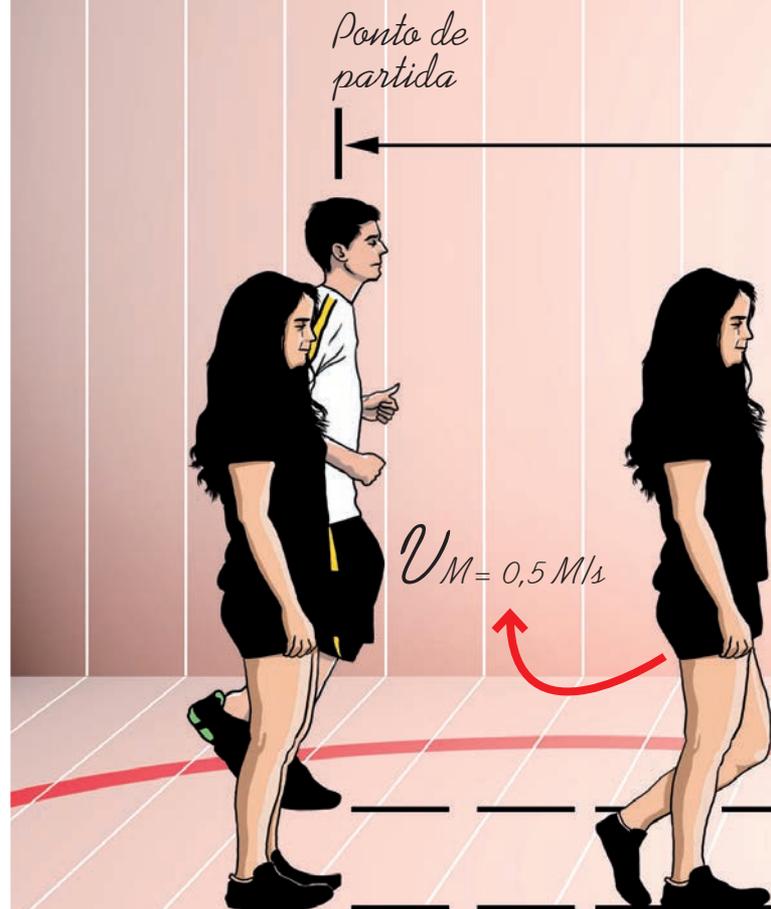
A diferença entre as duas grandezas é uma das dúvidas mais frequentes da garotada dos anos finais do Ensino Fundamental. Discutir essa questão é uma boa maneira de introduzir o conceito de velocidade. Foi o que fez Arnaldo Alves, professor do Colégio Renascença, em São Paulo, ao apresentar o conteúdo aos estudantes do 9º ano. Durante as aulas, ele explorou conhecimentos intuitivos da moçada, fazendo perguntas como: “O que muda quando percorro um trajeto mais rápido?”. Os alunos responderam que o tempo sofreria alteração. Em seguida, a turma realizou experiências práticas – uma situação adequada à apresentação do conteúdo. Dois alunos andaram de um ponto a outro com velocidades diferentes, enquanto um terceiro cronometrou o tempo gasto.

Depois, todos discutiram os dados encontrados e perceberam que, quanto menor é o tempo gasto, maior a velocidade. Logo, essas grandezas são inversamente proporcionais. Vale apostar em outros exemplos práticos para demonstrar, por exemplo, que velocidade e distância são diretamente proporcionais (veja as atividades indicadas nesta página e nas próximas). “Dessa forma, é possível construir conceitualmente um conhecimento que já é intuitivo”, diz Alves.

Ensinar o tema dentro dessas bases evita a necessidade de apresentar fórmulas complexas e de abordar toda a linguagem matemática utilizada pela Física. “Se o trabalho

Atividade 1

Relação entre velocidade e tempo



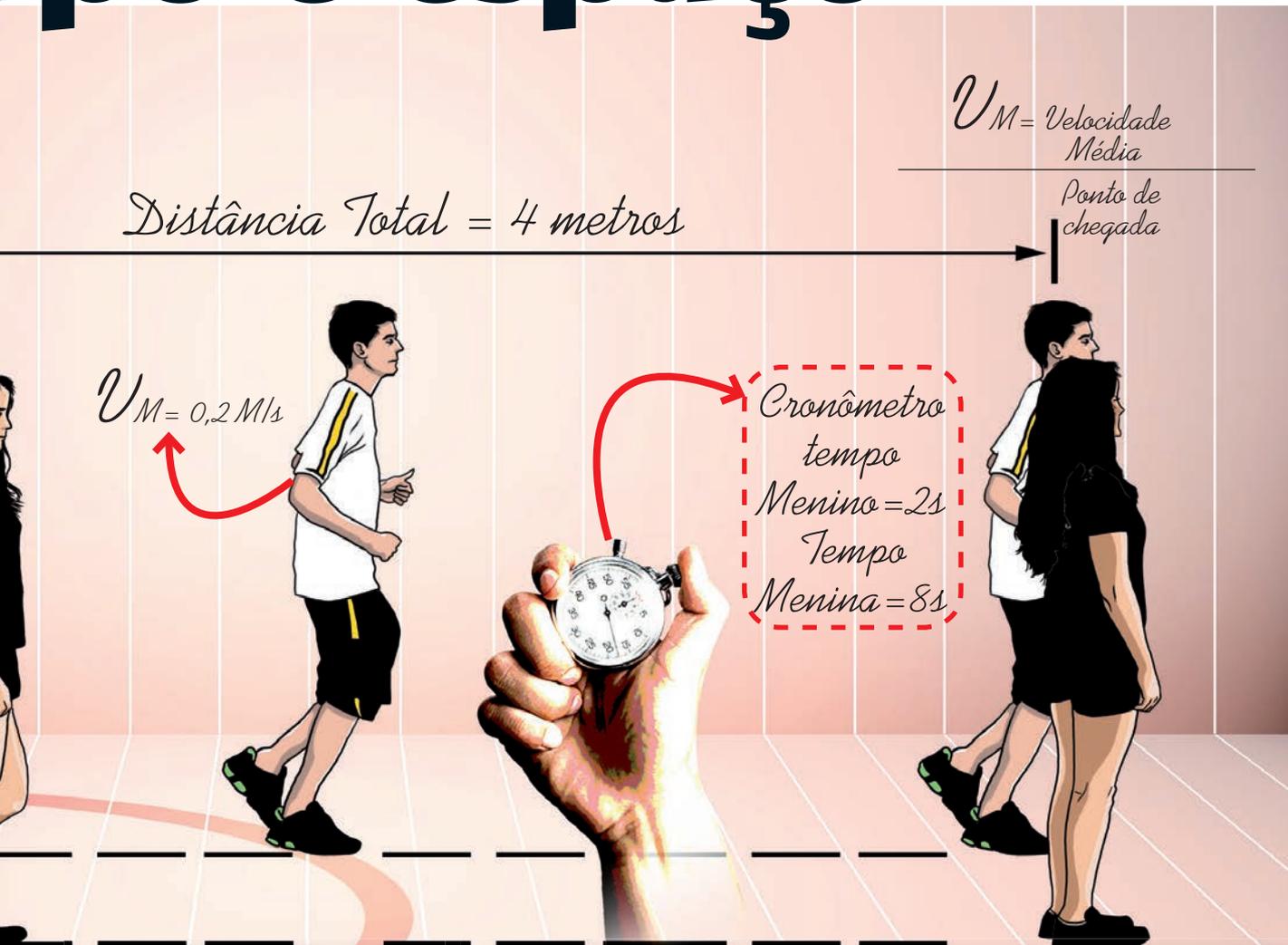
1 APRESENTAÇÃO - Selecione três alunos para realizar a experiência e delimite dois pontos no pátio, em um corredor ou na sala de aula. Um deve ser o de partida e o outro o de chegada.

com experiências envolver a sistematização o estudante chega ao Ensino Médio entendendo como a fórmula atua sem decoreba”, diz Erika Mozena, formadora de professores e mestre no Ensino de Ciências. Nessa etapa da escolaridade, os alunos serão apresentados a outros desdobramentos do conteúdo, como velocidade vetorial.

Aceleração, velocidade média e instantânea

Depois de abordar a velocidade de forma mais geral, é

Tempo e espaço



2 EXECUÇÃO - Peça que dois estudantes caminhem entre os dois pontos (um deve andar mais rápido que o outro). Enquanto isso, o terceiro aluno cronometra o tempo.

3 DISCUSSÃO - Pergunte o que os alunos observaram. Provavelmente, eles responderão que o mais veloz usou menos tempo. Questione-os sobre a relação entre a velocidade e o tempo.

4 SISTEMATIZAÇÃO - Ajude-os a concluir que, quanto maior a velocidade, menor o tempo usado para percorrer a mesma distância. A velocidade e o tempo são inversamente proporcionais.

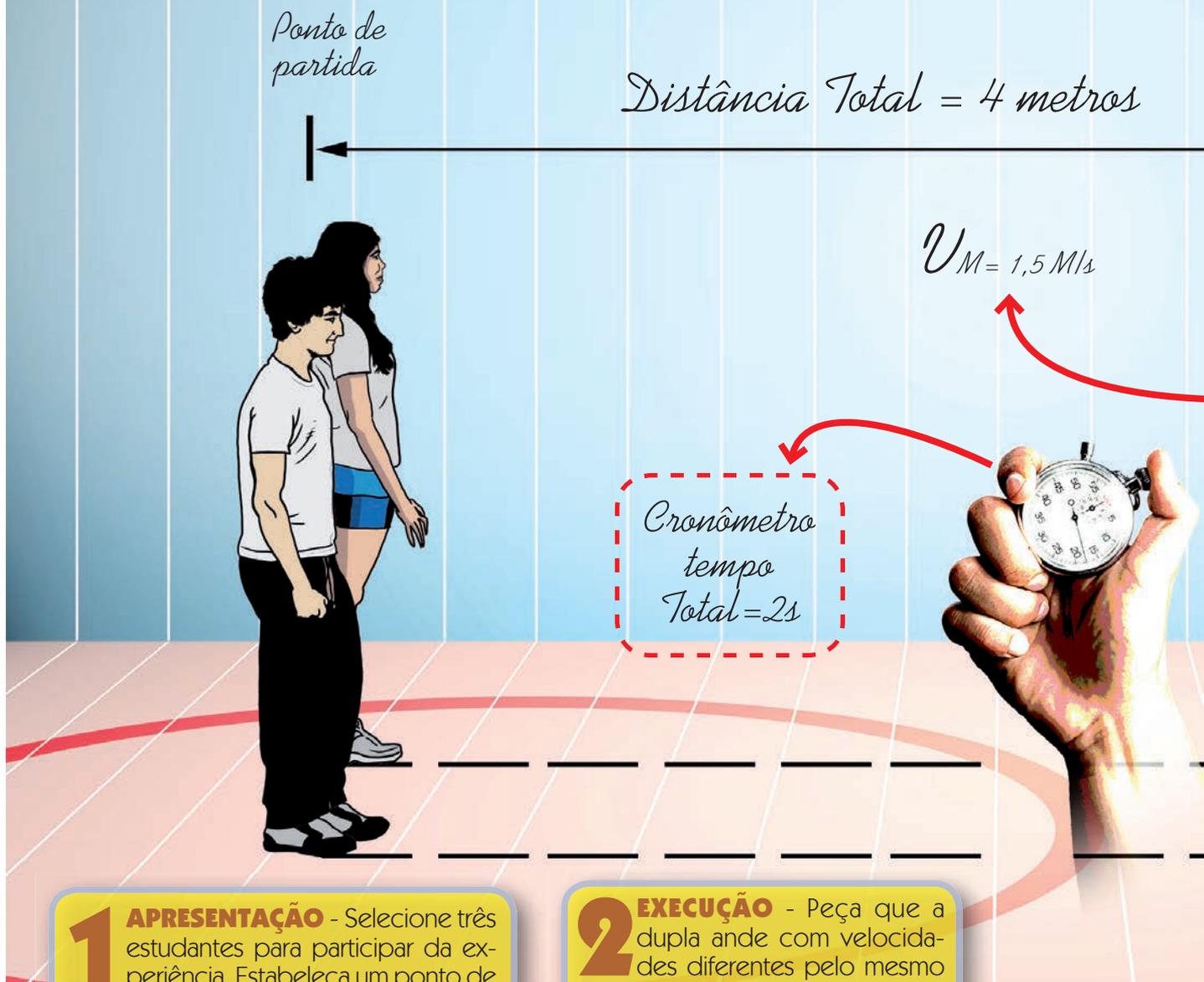
possível explorar fenômenos mais complexos relacionados ao movimento. Um deles é a aceleração, ou seja, a variação da velocidade em um intervalo de tempo. Os alunos de Alves pensavam que a aceleração se caracterizava apenas pelo aumento da velocidade. Durante a sequência didática, todos concluíram que ela é uma forma de medir como a velocidade de um corpo se modifica ao longo do tempo. Por

isso, não ocorre apenas quando ele acelera mas também quando freia ou muda de direção.

Esse é um bom momento para diferenciar velocidade média e instantânea. A média considera todo o espaço percorrido pelo corpo no intervalo total do tempo. A velocidade que ele apresentou por um tempo maior é mais importante. Se o carro anda a 120 quilômetros por hora e para no pedá-

Atividade 2

Relação entre velocidade e distância



1 APRESENTAÇÃO - Selecione três estudantes para participar da experiência. Estabeleça um ponto de partida comum e posicione dois alunos lado a lado.

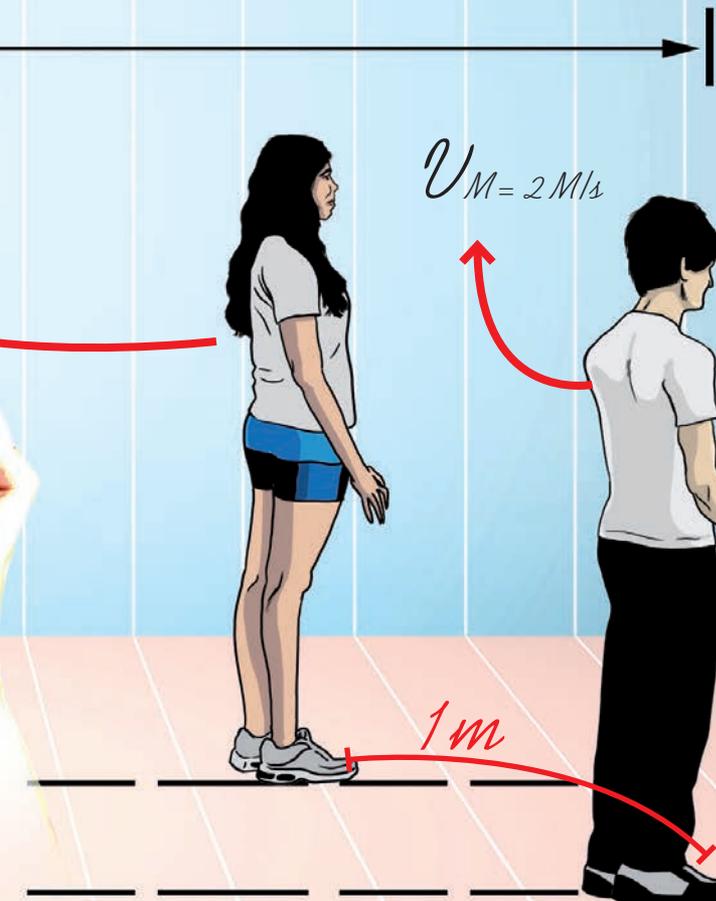
2 EXECUÇÃO - Peça que a dupla ande com velocidades diferentes pelo mesmo intervalo de tempo. O terceiro estudante cronometra o tempo gasto.

gio, os estudantes percebem que a média está mais perto desse valor do que do zero. A instantânea, como o próprio nome diz, é a velocidade em um instante preciso. Nessa etapa, Alves explicou que os radares trazem essa medição e levou dados reais para que os alunos analisassem. Depois, propôs vários problemas aos estudantes.

Para ensinar os dois conceitos, Annunziato, da Sangari, sugere ainda outra atividade. É possível pedir que os jovens comparem os trajetos que fazem para chegar à escola. Os que

vão de carro ou ônibus podem perguntar a quilometragem ao motorista na hora do embarque e ao sair. Eles também têm de marcar no relógio o tempo total gasto no trajeto. Ao dividir o percurso pelo tempo, é possível descobrir qual é a velocidade média entre a casa de cada um e a escola. A garotada pode observar, ainda, que valor o velocímetro marca pouco depois do embarque e pouco antes de sair do veículo (assim como o radar, ele estabelece a velocidade instantânea). Cronômetros disponíveis em celulares e relógios

$V_M = \text{Velocidade Média}$



Que unidades usar, uma dúvida comum da turma

Outra questão apresentada por muitos alunos se refere à variação das unidades usadas no estudo da velocidade. “Quando usar quilômetros por hora e quando usar metros por segundo?” e “posso inventar uma unidade de medida?” são as perguntas mais frequentes. A princípio, ou para solucionar uma questão do cotidiano, o estudante pode utilizar uma unidade informal, criada por ele mesmo, como passos por segundo. Assim, entende a comparação de grandezas.

É preciso observar, porém, que atividades de uso social exigem padronização. Você pode conversar com a garotada sobre as unidades com base em exemplos do cotidiano e mostrar que diferentes situações pedem unidades específicas. A velocidade de um automóvel, por exemplo, é dada em quilômetros por

hora. A velocidade de um atleta numa corrida, por sua vez, pode ser medida em metros por segundo — unidade-padrão adotada pelo Sistema Internacional (SI).

Vale lembrar que, para transformar quilômetros por hora em metros por segundo, basta empregar a seguinte equivalência: $1 \text{ km/h} = 1.000 \text{ m}/3.600 \text{ s}$.

Mais em novaescola.org.br/extras

Sequência didática sobre o uso da velocidade média.

Fonte: Revista Nova Escola, nº 251, Abril 2012.

3 DISCUSSÃO - Pergunte que diferenças notaram entre os dois alunos. Provavelmente, eles dirão que o colega com maior velocidade percorreu uma distância maior.

4 SISTEMATIZAÇÃO - Debata as hipóteses apresentadas pela garotada, confirmando que velocidade e distância são grandezas diretamente proporcionais.

também são úteis. Se eles forem usados, é preciso combinar previamente com a turma os dados a serem coletados.

Os dados devem ser discutidos em classe. Eventualmente, alguém que mora mais longe apresenta uma velocidade menor do que aquele que reside mais perto, o que pode estimular a discussão sobre a velocidade média. “Esse valor é um parâmetro e dá uma noção do tempo que levamos para fazer o mesmo percurso com veículos diferentes, por exemplo”, afirma Anunciato.



Desafie a meninada a organizar o mundo

Fernanda Salla
fernanda.salla@abril.com.br

O Brasil é desenvolvido, subdesenvolvido ou emergente? Qual a opinião dos alunos? O mapa acima apresenta 75 países, sete com a classificação errada. Convide a turma a identificá-los e explore a regionalização do espaço.

Organizar o território de acordo com algum critério é uma necessidade do homem. Ao separar o mundo em blocos, ele estabelece estratégias para, entre outros fins, estudar a paisagem, explorar a natureza e investir dinheiro em determinadas nações. "Em Geografia, regionalizar significa dividir em grupos", diz André Martin, chefe do departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP).

Atualmente, quando se fala em países subdesenvolvidos, emergentes e desenvolvidos, estão em jogo quesitos relacionados à economia mundial e como cada estado nacional se comporta em relação aos demais. Subdesenvolvidos são os que têm uma economia pobre. Emergentes os que estão em progresso econômico. E desenvolvidos, os ricos. Mas questões políticas já ditaram a regionalização do espaço até o fim do século 20 (leia o quadro na página seguinte).

Respondendo à pergunta do início da reportagem, desde 2001, o Brasil é emergente. Antes, era considerado subdesenvolvido. A troca aconteceu por causa de mudanças na economia mundial e ações internas, como o controle da inflação em meados dos anos 1990, que contribuíram para a ascensão econômica.

O termo emergente surgiu ao mesmo tempo que o conceito Bric (grupo formado por Brasil, Rússia, Índia e China). A sigla apareceu pela primeira vez no estudo Building Better Global Economic BRICs (Construindo uma Economia Global Melhor, em português), apresentado pelo economista norte-americano Jim O'Neill em 2001. Ele afirmou que as quatro nações se tornariam as economias dominantes até 2050.

Segundo Martin, o estudo já previa que os Brics teriam uma economia descolada dos países centrais do capitalismo, o que diminuiu os efeitos da crise financeira de 2008 nessas nações, apesar do impacto nos Estados Unidos e em grande parte da Europa. Isso fez com que o termo se consolidasse e os Brics formassem o grupo dos emergentes.

Discutir a lógica de cada tipo de regionalização

Conhecer esse panorama é importante para trabalhar a temática com os jovens. Eles precisam aprender sobre a organização do espaço para compreender as relações de poder e o *status* que os estados nacionais têm na ordem vigente. "O que acontece em um lugar do globo, mesmo sendo um evento de pequena escala, pode afetar outros. Estudar a questão da regionalização econômica permite que a turma observe o planeta de modo crítico", diz Nelson Pedon, coordenador do curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita-Filho (Unesp), campus de Ourinhos.

Por isso, o foco das aulas não pode ser só ensinar como cada estado é classificado. A questão interessa para fomentar o debate, claro. Mas, como mediador do conhecimento, você precisa discutir questões abrangentes com os estudantes.

Vale questionar se essa proposta de classificação ainda faz sentido. Quando foi adotada, no século passado, ela

A velha ordem mundial

Na época da Guerra Fria, por questões políticas, o espaço mundial foi organizado em primeiro, segundo e terceiro mundo. A divisão foi proposta pelo demógrafo francês Alfred Sauvy (1898-1990) no início dos anos 1950, com base em um paralelo entre o cenário da época e a Revolução Francesa (1789) (veja o mapa abaixo). Essa regionalização começou a degradingolar por volta dos anos 1980, principalmente com o crescimento econômico da China e do Brasil. Não fazia mais sentido eles serem considerados do terceiro mundo. Com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, o conceito de segundo mundo acabou e a classificação deixou de fazer sentido.



Primeiro mundo - Países capitalistas. Comparados à aristocracia do Primeiro Estado francês do fim do século 18: Estados Unidos e aliados na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Segundo mundo - Comparados ao clero da França. Nações socialistas. URSS e aliados na Segunda Guerra Mundial.

Terceiro mundo - Comparados com a população pobre francesa, que emergiu politicamente depois da Revolução. Demais países livres, incluindo o Brasil.

tinha a ver com a industrialização – nações com muitas indústrias eram desenvolvidas, e as carentes no setor, subdesenvolvidas – e isso refletia o poderio econômico de cada estado. Hoje, isso tem se mostrado frágil: indústrias não são a garantia de riqueza. No mais, vários países da Europa, como França, Itália e Grécia, ditos desenvolvidos por muita gente, têm enfrentado uma séria crise econômica, enquanto muitos emergentes estão em situação bem melhor. Martin ainda sugere estimular os jovens a relacionar o conceito de primeiro, segundo e terceiro mundo ao de subdesenvolvido, desenvolvido e emergente. “No decorrer da história, a denominação de caráter político passou a refletir aspectos econômicos, e o terceiro mundo virou sinônimo de pobreza e subdesenvolvimento”, diz ele.

Importante também é encaminhar os alunos a pesquisar sobre outras formas de regionalização do espaço que têm a ver com a economia e a sociedade. A Organização das Nações Unidas (ONU), por exemplo, leva em conta o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos países. Nessa classificação, o Brasil aparece em 84º lugar, num *ranking* de 187 posições, o que significa que é considerado uma nação com de-

seenvolvimento humano alto. Já o Banco Mundial divide o mundo em quatro grandes grupos desde os anos 1980, com base na renda nacional *per capita*: baixa renda (até 1,9 mil reais anuais), média baixa (até 7,4 mil), média alta (até 22,8 mil) e alta (acima de 22,8 mil). Segundo esse critério, o Brasil é considerado um território que apresenta renda média alta.

Trabalhando com questões como essas, você instiga os adolescentes a questionar os rótulos destinados às nações e a buscar suas implicações. Assim, eles ganham a oportunidade de se tomarem críticos em relação às categorizações adotadas, às relações travadas nos quatro cantos do globo e aos interesses que existem por trás delas.

Mais em novaescola.org.br/extras

Sequência didática Regionalização dos Espaços Mundiais: Repensando Classificações.

Fonte: Revista Nova Escola, nº 251, Abril 2012.



Imagens Ilustrativas

ONDE FOI PARAR O NOSSO CARÁTER

Ética pode ser discutida na sala de aula pela correlação entre a filosofia e assuntos contemporâneos



Os grandes jornais, especialistas e opinião pública intitulam escândalos de corrupção como os que envolveram o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), como um dos mais graves da história política brasileira. Outro fato gerou polêmica no Congresso, a chamada “farra aérea”, onde políticos usavam verba pública, que em tese seria destinada para viagens a trabalho, para pagar temporadas na Europa aos seus familiares, amigos e namoradas. Dentro desse contexto, sempre vem o senso comum: político é ladrão que rouba dinheiro público. O povo, por sua vez, é sempre “trouxa e enganado”. Porém, se pararmos para pensar, não somos também corruptos ao ganhar um troco a mais e não devolver? Ao furar uma fila no banco? Na escola, como o professor pode passar para as novas gerações que a ética e a moral devem estar presentes nessas “pequenas” atitudes?

A origem da palavra ética (do grego *ethos*) significa modo de ser, caráter. Para a filosofia, uma das definições é que a virtude está diretamente relacionada ao bem. “A ética é uma reflexão que tem como objeto a moralidade. Ela questiona de onde vêm os valores, quem se beneficia quando você cumpre as normas sociais e quais os comportamentos melhores para construir o bem comum”, explica o professor de Filosofia da PUC-PR (Pontifícia Universidade Católica) e doutor pela Ufscar (Universidade Federal de São Carlos), Jelson Oliveira.

Para a orientadora educacional de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental da escola Projeto Vida, de São Paulo (SP), Márcia Marinho Tubone, a ética é mais do que fazer o bem pelo comum, é desejar fazê-lo. “Não porque existe uma regra ou alguém determinou, mas porque me faz feliz”. Na *Projeto Vida*, a ética é tratada como um tema transversal nas disciplinas e, em muitos momentos, são trabalhados valores com os adolescentes por meio de perguntas que envolvem dilemas e escolhas como: “O que você faria se achasse na rua um envelope com dinheiro”?, entre outras.

Colocar situações-limite para os alunos também foi uma estratégia usada pela coordenadora pedagógica do ensino fundamental II e professora de temas transversais da Escola Carlitos, de São Paulo (SP), Luciana Zaterka. Com base em um texto da filósofa Marilena Chauí, ela elencou algumas questões e criou histórias com temas polêmicos, como aborto, eutanásia e roubo. “São situações quase impossíveis de optar. E aí você mostra para o estudante que a ética envolve reflexão, não existe um certo e um errado num sentido absoluto”.

Outra questão essencial para dialogar sobre o assunto com crianças e adolescentes, segundo Márcia, é transmitir valores por meio de ações. “Mais do que falar, é preciso que eles reconheçam essa conduta nos educadores e funcionários da instituição. Somos referências e modelos para eles”. O coordenador de Filosofia do Ensino Médio das Escolas Positivo, de Curitiba (PR), Eduardo Emmerick, afirma que a reflexão sobre ética é fundamental para essa geração, que tem uma forte tendência para o egoísmo. “Eles se tornam cada vez mais individualistas, até por conta da internet. O contato humano é mais restrito e isso os acaba tornando insensíveis e egoístas frente ao outro”.

Na Escola Carlitos, a disciplina “temas transversais” (aula semanal) está dentro do currículo e trata de pontos diversos com base na História da Filosofia. O 6º ano reflete sobre princípios da ética e estética, o 7º sobre ética, o 8º estuda história e filosofia da ciência e o 9º discute aspectos de política. “Vou fazendo atividades dentro do possível, respeitando a faixa etária”, diz Luciana Zaterka. A professora introduz, ainda, assuntos conforme demandas que surgem em sala de aula. “Tive problemas de relacionamento entre os alunos e discutimos como o filósofo Aristóteles fala da amizade que, para ele, é um valor supremo. E aí a interface com a ética é enorme”.

Luciana aborda o chamado “Quadro de Virtudes” colocado pelo filósofo e debate o conceito de ética do holandês Bento Espinosa. “Ele trabalha com uma ideia de ética muito interessante para essa faixa etária, de que o certo não é o que a razão humana estabeleceu desde sempre, mas o correto é o que é bom pra mim e para as pessoas ao meu redor. Deve-se ter uma preocupação com o ser individual e coletivo. Discuto questões instigantes sobre como a ética é variável e circunstancial para a época e de país para país”. Outra atividade proposta pela educadora é a diferenciação entre consciência moral e senso moral. “Senso é relativo aos sentimentos, consciência é quando a razão entra em cena. Pedi para que eles pesquisassem em casa uma problemática e muitos me trouxeram situações de trânsito, de como se perde a razão. Foi uma pesquisa próxima e que trouxe boas reflexões”.

ESPAÇO PÚBLICO X ESPAÇO PRIVADO

De acordo com os educadores, existe uma grande dificuldade por parte dos alunos na hora de fazer a distinção entre o que é espaço privado e o que é público. “Eles acham que, ao entrar no Orkut ou MSN, por estarem na sua casa, é um espaço privado, onde eles podem xingar e dizer coisas sem pensar. E não é. Mostro que a internet é um espaço público, o que é um conceito interessante a ser inserido para essa faixa etária”, afirma Luciana.

Para Eduardo, essa discussão também pode englobar o cuidado que os alunos, como cidadãos, devem ter com o bem público. “No momento em que respeito o que é do outro e isso faz com que o outro respeite o que é meu, temos um grau de harmonia. Quando estabeleço minha subjetividade e vontade pessoal, gero exclusão. Isso é fundamental para tentarmos reverter um pouco esse processo de individualização, egoísmo e corrupção em que vivemos”.

O coordenador de Filosofia relata um fato que, segundo ele, tem a ver com um fenômeno que pode ser chamado de crise de valores e que tem sido muito presente dentro da escola. “Com a paralisação das aulas por conta da Gripe A, surgiu a possibilidade de termos aulas aos sábados e domingos. Muitos pais disseram que já haviam marcado viagens e não poderiam reverter (a situação). O pai está mais preocupado com o prazer que vai oferecer ao filho do que com o conhecimento que ele possa ter. Há falta de responsabilidade por parte das famílias com o bem público.

MATERIAIS DE APOIO PARA O EDUCADOR

Obras clássicas da filosofia podem ser utilizadas para discutir ética e moral na sala de aula e, segundo o professor da PUC-PR, Jelson Oliveira, o educador precisa fazer correlações entre o pensamento dos filósofos e questões contemporâneas. “Esse é o grande desafio do docente. Não é à toa que eles ainda são estudados. A mensagem deles é universal, vale para todos os tempos e lugares”, afirma. Confira algumas sugestões de leitura:

- Ética a Nicômaco, Aristóteles
- A República, Platão
- Para além do bem e do mal, Friedrich Nietzsche
- Ética, Bento Espinosa
- Humano, demasiado humano, Friedrich Nietzsche
- Convite à Filosofia, Marilena Chauí

Fontes: Luciana Zaterka (escola Carlitos) e Eduardo Emmerick (Escolas Positivo).



Imagem Ilustrativa

Antes de desenvolver qualquer discussão sobre o assunto, o primeiro passo deve ser mostrar aos alunos a diferença que há entre ética e moral. “As pessoas costumam confundir as duas. A moral tem a ver com tudo o que é padrão de comportamento, normas, regras, certo e errado. Então, quando vemos um político envolvido em casos de corrupção, não significa que ele não tenha ética, mas que ele rompeu com determinados padrões sociais”, explica o professor da PUC-PR Jelson Oliveira. Já a ética está relacionada a perguntas: de onde vieram esses valores? Quem se beneficia quando você cumpre normas sociais? “Na medida em que é uma reflexão, a ética quer contribuir para construir o bem comum”, completa o educador.

Para a doutora em educação pela Unicamp – Universidade de Campinas – e autora, junto com Roque do Carmo Amorim Neto, do livro *Ética e Moral da Educação*, Margaréte May Berkenbrock Rosito, a diferença entre ética e moral pode ser explicada por meio da seguinte metáfora: na cultura de uma casa, são materializados valores das regras, regulamentos e definições do lugar para dormir, comer, estudar e no modo de vestir e religião seguida. Esses são aspectos da moral. “Já a ética é aquilo que a sustenta mas não se vê, como a solidariedade, compaixão e respeito”, enfatiza.

Margaréte coloca mais dois conceitos, baseada no psicólogo e professor do Instituto de Psicologia da USP – Universidade de São Paulo – Yves de La Taille, que podem diferenciar as duas, por meio de perguntas existenciais. Para a moral, a pergunta é: “como devo agir?”, referindo-se aos deveres e regras relacionados ao princípio de justiça e dignidade. Para a ética, “que vida eu quero viver” é o

questionamento principal, definindo a busca de uma vida boa e da felicidade. No entanto, elas são complementares. “É difícil falar de vida boa sem falar dos deveres em relação a ela”, ressalta.

A substituição do conceito de moral pelo de ética se deu principalmente, esclarece a autora, por conta da palavra ter ficado relacionada a eventos libertários dos anos 1960, que proclamavam a “proibição do proibir”. “Ou, ainda, ventos como os golpes militares em diversos países, e que no Brasil, entre outras expressões, assumiu o rosto pedagógico da disciplina educação moral e cívica, que apenas contribuiu para a desvalorização da palavra moral. Essa rechaça fez com que a ‘ética’ também fosse utilizada no sentido de dever, de seguir normas e leis”.

Dentro dessa conjuntura, a palavra ética começou a ser utilizada de maneira incorreta. “Ela foi trans-



Imagem Ilustrativa

formada em regra de etiqueta. É chique ser ético! Entretanto, o exagerado uso da palavra denuncia a sua ausência. No livro, discutimos a atual supremacia da palavra ao mesmo tempo em que ela tem sido desvinculada da moral”, esclarece Margaréte. A banalização do termo, segundo o professor Jelson, é um problema que deve ser combatido na sala de aula. “A ética não pode ser tida como um remedinho social, que a pessoa toma e resolve todos os problemas. Não é bem assim. Ela precisa de reflexão”.

“JEITINHO”

Quantas vezes você já não ouviu ou até mesmo disse que, para certas ocasiões e assuntos, era necessário o famoso: “jeitinho brasileiro”? De que é preciso “esperteza” e certa malandragem para “se dar bem”? Por que consideramos que certas regras morais não se aplicam a nós? Jelson dá um bom exemplo: quando vemos um menino abandonado na rua, falamos mal do governo, pois pagamos nossos impostos e eles não resolvem o problema. Ou esbravejamos contra o deputado X que desviou a verba Y. No entanto, cometemos pequenos delitos e nos sentimos legitimados. “Isso é tão grave quanto o deputado que desvia dinheiro público. Como a lei no Brasil sempre foi feita para garantir privilégios de determinados grupos, a pessoa não se encontra nessa lei e tem dificuldade de estabelecer uma diferença entre o legal e o justo”, afirma.



Imagem Ilustrativa

Por isso, é fundamental que a escola crie estratégias para alavancar a discussão e reflexão. “Isso dá oportunidade para que o adolescente possa pensar o que ele quer ser, substituindo a valorização de si próprio pelo seguir o que deve ser feito e ficar feliz, mesmo abrindo mão do que desejava. Nesse trabalho, o educador deve ser mero mediador, problematizando e devolvendo novas questões ao grupo”, enfatiza Márcia, da Escola Projeto Vida. Margaréte considera a discussão e a colocação desses valores enraizados em cheque essenciais. “Estamos diante de uma grande encruzilhada. Todo ato gera consequências pessoais e sociais. É importante que tenhamos essa compreensão”.

Fonte: Revista Profissão Mestre - nº 120, setembro 2009
Fotos: Depositphotos.com



A ÉTICA VAI AO CINEMA

A orientadora educacional de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental da escola Projeto Vida, Marcia Marinho Tubone, sugere filmes que podem ser úteis na hora de incitar uma discussão sobre ética e moral em sala de aula:

- “O Terminal”, direção de Steven Spielberg (2004).
- “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, direção de Tim Burton (2005). Há disponível em DVD a primeira versão do filme de 1971, dirigido por Mel Stuart.
- “O auto da Compadecida”, direção de Guel Arraes (2000).
- “Escritores da Liberdade”, direção de Richard LaGravenese (2007).
- “Crianças Invisíveis”, uma série de curtas-metragens com direção de vários cineastas; entre eles, Spike Lee, Ridley Scott e Kátia Lund (2005).



Palavras que nada custam, mas valem muito:



Bom-dia



Boa-tarde



Boa-noite



Obrigado



Com licença



Desculpe-me



Por favor



Parabéns



Senhor

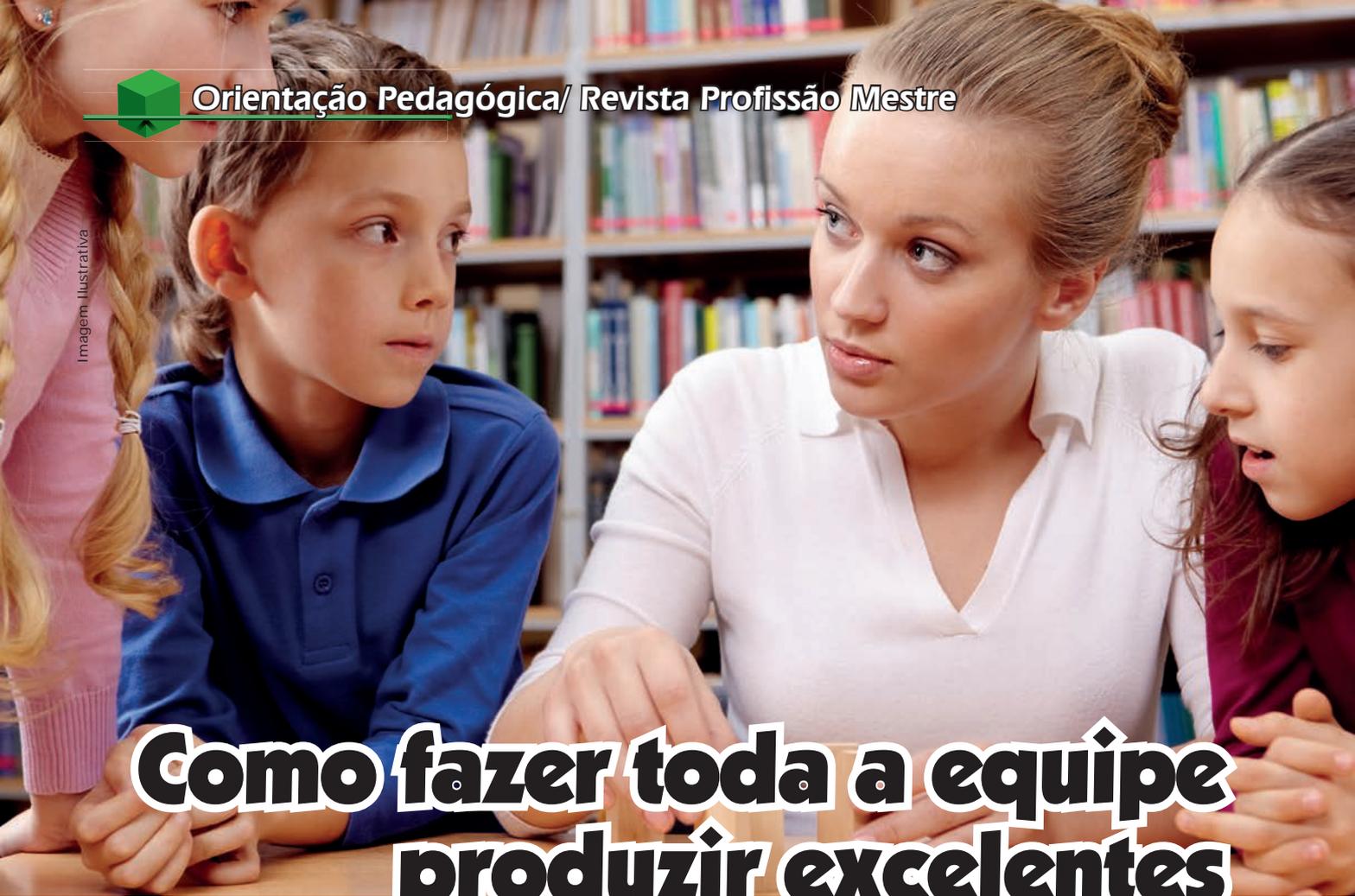


Senhora

Professora:

Sandra Gomes Ferreira –

Educadora do Município e do Estado.



Como fazer toda a equipe produzir excelentes resultados

Toda equipe tem suas “estrelas”. São aqueles poucos que produzem 3, 4, 5 vezes mais do que seus colegas. São aqueles que salvam qualquer “caso perdido”, por isso são tão respeitados pelos seus coordenadores, amados pelos alunos e invejados pelos colegas.

E depois temos o resto. Todos os outros, que não são ruins, mas também não conseguem resultados espetaculares. Profissionais que têm os mesmos conteúdos a ensinar, os mesmos recursos, os mesmos alunos, o mesmo salário e ainda assim não conseguem se aproximar dos resultados das “estrelas”.

Um líder reconhece essa diferença de *performance* na equipe e geralmente busca conhecer melhor seus campeões para descobrir por que rendem mais. Ai, encontram uma salada: gente experiente e inexperiente, agressivos e reservados, metódicos e desorganizados, etc. Parece impossível entender o que os diferencia do resto.

Embora a diferença entre os melhores e os piores de uma instituição seja um fato da vida, essa diferença pode ser diminuída substancialmente ao se entender o que faz do vencedor um vencedor. Essa informação pode ser depois

resultados

utilizada para recrutar, treinar e remunerar de maneira mais inteligente toda a sua equipe. Aqui começa o desafio. É comum (ou pelo menos deveria ser) um coordenador acompanhar o trabalho do professor para depois dar um *feedback*. Infelizmente, como não sabem o que estão procurando, esses avaliadores têm a tendência exagerada de basear-se em seus próprios preconceitos, fazendo anotações geralmente inúteis mais tarde.

Segundo o especialista Neil Rackham, diretor da Go to Market Partners, o principal motivo pelo qual gestores não conseguem identificar os segredos do sucesso de seus melhores colaboradores é porque estão procurando no lugar errado. Por algum motivo, dão ênfase exagerada às características pessoais do professor, como personalidade ou atitude. Hoje sabemos que, além disso, é fundamental que o profissional desenvolva continuamente suas habilidades se quiser ter sucesso.

Para deixar isso mais claro, Rackham criou um sistema de cinco fatores para medir a *performance* de uma equipe. No caso dele, é especificamente de vendas, mas acho que é possível adaptar para a realidade escolar.

1 **ESTRATÉGIA** - Nenhum item na lista de fatores de sucesso é mais maltratado do que a estratégia. Ao mesmo tempo, é o mais crítico. Quais as dificuldades dos alunos? Quais as melhores formas de passar o conteúdo? Como inovar? Essas são as primeiras perguntas que qualquer professor campeão deve se fazer antes de entrar na sala. É importante entender a estratégia para saber por que seus melhores professores são tão melhores do que o resto.

2 **PROCESSOS** - O segundo fator, e infelizmente também ignorado, é o que Rackham chama de processos ou atividades, ou seja, o que o professor faz exatamente para ensinar? Como percebe as características dos alunos? Quais são os passos seguidos durante o processo de ensino? A quais passos dá mais importância? Quais são os pontos críticos? Examinar as atividades dos campeões permite entender como é que eles colocam em prática a estratégia que criaram antes da aula.

3 **HABILIDADES** - É necessário saber mais do que as velhas técnicas de “transmissão de conhecimento”. Seus melhores professores fazem muitas perguntas? Ouvem atentamente as respostas? Usam as informações coletadas para personalizar suas aulas? Como administram seu tempo? Como administram o relacionamento com os alunos? O que mais? Existe um “caminho das pedras” que faz com que estes profissionais consigam consistentemente resultados melhores do que o resto. Raramente é uma coisa só, mas sim uma soma de coisas bem feitas.

4 **FERRAMENTAS** - Mesmo o tradicional quadro negro é usado de maneira completamente diferente por campeões. Internet, cartazes, filmes, material de apoio... Às vezes os melhores nem usam tudo que poderiam, mas criam combinações únicas muito criativas (e eficazes) para melhorar a aula. Muitos coordenadores esquecem de aprender com seus professores as melhores formas de usar as ferramentas disponíveis e exigem que elas sejam usadas apenas de um jeito predeterminado pela empresa, esquecendo-se do que mais importa: ensinar. Prefira mil vezes um professor que usa metade das ferramentas, mas ensina, do que outro que faz tudo que lhe mandam e tem alunos que não evoluem.

5 **MÉTRICAS** - Os melhores educadores têm sempre um sistema pessoal de metas, objetivos e medição de resultados que vai além das simples notas dos alunos. Muitas vezes, desenvolvem sua própria análise do crescimento da turma. Eles geralmente valorizam outras coisas além da nota, como a melhora na compreensão, no relacionamento, interesse etc. Descubra quais são as métricas que seus campeões analisam e tente levar isso para todos.

Estes cinco fatores determinam a produtividade e o sucesso de um professor. Os campeões e campeãs não fizeram nada mais que identificar quais são os elementos/passos mais importantes da aprendizagem e o que é necessário para executar esses passos corretamente. A maioria dos gestores concentra-se demais em apenas uma das peças desse quebra-cabeça.

Se você realmente quer entender o que separa seus campeões do resto, obrigatoriamente tem de olhar além das características pessoais. Tem muito mais coisa acontecendo — estratégia, processos, habilidades, ferramentas e métricas. É na sinergia de todos esses fatores que reside a verdadeira força do campeão e onde está a chave do sucesso que você, como gestor, procura para reproduzir no resto da equipe.

Fonte: Revista Profissão Mestre, nº 120, setembro 2009

Fotos: Depositphotos.com





Português Ensinado pela MPB

Pesquisadora aponta, por meio de análise de 256 letras de Chico Buarque, que solução para tradução não está nos dicionários

Doutora pela Universidade de Paris VIII e mestre em teoria literária pela Unesp — Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho — Lúcia Maria Barbosa tinha como objetivo aproximar as dimensões linguísticas e culturais no processo de ensino de língua portuguesa para estrangeiros. Conseguiu isso defendendo a sua tese “Opacidade e transparência léxico cultural na aprendizagem do Português Língua Estrangeira do Brasil: letras de música como instrumento de mediação linguística e cultural”, publicada em livro pela universidade francesa Charles de Gaulle. A pesquisa de Lúcia, desenvolvida entre os anos de 2000 e 2005, analisou 256 letras do cantor e compositor Chico Buarque e apontou as dificuldades de estrangeiros que estão aprendendo a língua portuguesa. Por meio de um questionário aplicado para pessoas falantes de outras línguas que estavam no Brasil, ela pediu que cada participante interpretasse as letras, partindo da hipótese de que as dificuldades maiores surgiriam no momento de ler expressões de sentido cultural mais amplo. Curiosamente, tanto falantes de espanhol quanto de ucraniano apresentaram as mesmas dúvidas em relação a esse aspecto. A professora, docente da Ufscar (Universidade Federal de São Carlos), do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Centro de Referência de Português para Estrangeiros da universidade, que desde 1995 oferece cursos para falantes de outras línguas que estejam em São Carlos ou região,

acredita que a música popular brasileira, sobretudo a de Chico Buarque, veicula diversos aspectos culturais, históricos e sociais do país. Lúcia, além de se dedicar à pesquisa no ensino-aprendizagem de português para estrangeiros, também trabalha com a temática étnico-racial em estudos sobre imagens e representações de negros e de indígenas no livro didático, literatura e em letras de canções brasileiras. Em entrevista para a Profissão Mestre, ela falou sobre o seu trabalho, suas opiniões sobre a reforma ortográfica e aprendizagem do português pelos brasileiros:

PERGUNTA: Como surgiu a ideia da pesquisa?

LÚCIA MARIA BARBOSA: A vontade de fazer uma tese sobre o papel da música no contexto do ensino e da aprendizagem de português como língua estrangeira apareceu a partir de minha prática em sala de aula, pois eu percebia que as letras de canções produziam um efeito significativo para o conhecimento de aspectos linguísticos e culturais de nosso país. Defendi a tese em 2005, na Universidade de Paris VIII.

P: A senhora é fã do Chico Buarque?

LMB: Sou fã, sim, como tantos outros brasileiros e brasileiras de diferentes gerações. Inicialmente, tinha pensado em analisar composições de artistas (compositores/cantores) variados, porém a questão era: quantos, de que época, de

quais estilos? E todo mundo ia perguntar: Por que você escolheu esse e não aquele? Eu precisava analisar um número representativo de letras de canções, a fim de comprovar vários pressupostos ou hipóteses.

P: E por qual motivo escolheu ele?

LMB: Tomei as letras de Chico porque elas ofereciam essa representatividade numérica, isso me garantiu “passear” por diferentes períodos da história do Brasil, e também porque as letras tratam de inúmeras temáticas que povoam nosso cotidiano. Além desses aspectos, eu precisava de um repertório de um cantor/compositor ou de uma cantora/compositora que fosse bem conhecido/a na França, pois assim ninguém questionaria as razões da escolha. No caso de Chico Buarque, essa escolha já possuía o referendo dado à própria inserção dessas composições no exterior.

P: Qual a complexidade da língua portuguesa nas letras de Chico Buarque?

LMB: As letras dele possibilitam não apenas abordar aspectos relativos à língua portuguesa, na sua versão brasileira, mas, sobretudo, diferentes elementos culturais que a língua veicula. É nisso que está a complexidade, nessas informações implícitas.

P: Qual a nacionalidade das pessoas que responderam ao seu questionário?

LMB: Havia pessoas da Ucrânia, Rússia, Inglaterra, Índia, França, Argélia, Peru, Argentina, Nova Zelândia e Uruguai.

P: Quais foram os principais problemas delas no entendimento da língua?

LMB: As dificuldades ou facilidades dependeram de inúmeras variáveis como, por exemplo, tempo de imersão no Brasil, contatos no dia a dia e línguas que a pessoa fala. Não há um problema que seja comum para todos.

P: Como é possível ensinar língua portuguesa por meio da música?

LMB: Não existe um modo, uma fórmula. Acredito que muitos profissionais, não apenas de língua portuguesa, mas de outras áreas, utilizam a música como recurso para lecionar diferentes temas.

P: Qual a opinião da senhora sobre a reforma ortográfica?

LMB: As alterações são mínimas e muito pontuais. É uma questão de tempo para que nos adaptemos às mudanças.

P: O Brasil vem seguindo as determinações, ao contrário de Portugal. Existe um motivo para que isso aconteça?

LMB: Não há uma razão específica, já que cada um tem suas razões e seus pontos de vista em relação ao acordo. De toda maneira, para entendermos, seria necessário verificar o movimento existente em Portugal.

P: A senhora acredita que os brasileiros também têm dificuldade para aprender o português?

LMB: Não. O que há inegavelmente é uma preocupação excessiva com a metalinguagem. Falamos muito sobre a língua, sobre os seus aspectos gramaticais e esquecemos que ela faz parte do nosso cotidiano, ou seja, deixamos de lado os usos que fazemos dela e esquecemos o aspecto dinâmico, vivo, que marca todas as línguas.

P: O que é necessário para o brasileiro aprender e saber mais sobre a sua língua?

LMB: Acho que precisamos incentivar a leitura e a compreensão de textos. E isso não requer apenas a existência, mas investimentos em bibliotecas públicas e escolares e no acesso a elas.

P: No Brasil, 11,5% das crianças de oito e nove anos são analfabetas. O que é preciso para melhorar o ensino?

LMB: É preciso pensarmos de forma mais abrangente. Não há receitas prontas que vão resolver isso da noite para o dia. Talvez devêssemos considerar diferentes iniciativas que têm dado certo, e há muitas.

P: A alfabetização desde a educação infantil seria uma boa medida?

LMB: Decididamente, não. Criança tem que brincar. As brincadeiras precisam ser levadas a sério. Especialistas vêm dizendo e provando isso há tempos. É por meio das brincadeiras e dos jogos que as crianças elaboram uma série de sentimentos e de comportamentos.

P: O professor também pode contribuir para aumentar o interesse pela língua portuguesa?

LMB: Nós não temos que “jogar” todas as responsabilidades nas costas do professor ou da professora. Há um sistema que precisa ser pensado, até porque a instituição escolar não está envolta por uma “bolha”, desvinculada do contexto social, cultural, histórico e político. A escola está inserida em uma sociedade, cujos problemas não podem ser negligenciados. Há muito a ser feito, porém acredito que temos avançado bastante.

Fonte: Revista Profissão Mestre - nº 120, setembro 2009



Acessibilidade

na escola facilita a inclusão de estudantes com deficiência

Segundo o Censo Escolar, entre 2005 e 2011, as matrículas de crianças e jovens com algum tipo de necessidade especial (intelectual, visual, motora e auditiva) em escolas regulares cresceu 112% e chegou a 558 mil. O Censo do IBGE, porém, aponta que, em 2010, 37% das crianças com deficiência intelectual na idade escolar obrigatória por lei (5 a 14 anos) estavam fora da escola, número muito superior à média nacional, de 4,2%. Outro indicador do aumento da inclusão: as matrículas das crianças com deficiência em escolas especializadas e as classes exclusivas nas escolas comuns caiu 48% de 2005 para 2011, quando foram registradas 193 mil matrículas.

A Organização das Nações Unidas (ONU) e o governo brasileiro defendem que o lugar de todas as crianças é a escola convencional. O modelo aplicado pela rede pública de ensino é estruturado de forma a manter os alunos especiais na sala comum, mas com atividades de apoio individualizadas no contraturno, já que o portador de deficiência intelectual tem outro ritmo de aprendizado, que em geral não corresponde ao que a escola está acostumada a esperar.

Mudanças nas instalações das escolas e projetos voltados para inclusão desses jovens vêm sendo realizados por diversas instituições, como a Fundação de Apoio à Escola

Técnica (Faetec) e a Comissão Municipal de Assistência Comunitária de Petrópolis (Comac). A Faetec vem apostando em infraestrutura e na capacitação de profissionais para que, cada vez mais, as unidades de ensino estejam aptas a receber todos aqueles que desejem estudar nelas.

Entre as obras realizadas nas instalações das escolas, estão adaptações nas edificações, que visam facilitar o acesso, como rampas, elevadores, calçadas apropriadas para deficientes visuais e sinalização específica. Atualmente, mais de 700 jovens com necessidades especiais são atendidos pela Fundação. Para o ex-presidente da Faetec, Celso Pansera, esse número de beneficiados pode ser ainda maior "porque a Fundação preza pela garantia do ingresso dos alunos seja qual for sua necessidade", explica.

A Faetec também é responsável pelo programa dos Centros Vocacionais Tecnológicos (CVTs), implantados no Rio de Janeiro em 2007. Essas unidades já foram construídas de modo a atender as pessoas com necessidades especiais. A infraestrutura dessas escolas comporta banheiros adaptados para cadeirantes, com vasos sanitários especiais e lavatório com barra de apoio, além de elevadores, rampas e piso tátil para cegos. Ao todo, são 39 CVTs pelo Rio.



Com intuito de facilitar a inclusão de alunos com deficiência, instituições investem em mudanças de infraestrutura e projetos voltados para capacitação profissional de pessoas com deficiência intelectual

O aluno Cirlei Moraes, do curso de Assistente Administrativo no Cetep (Centro de Educação Tecnológica e Profissional), afirma que são de suma importância esses investimentos que foram feitos na escola para a inclusão e acessibilidade de pessoas que fazem cursos de qualificação profissional e passam dificuldades. “Ter essa assistência acaba diminuindo várias barreiras. É claro que muitas coisas precisam ser superadas em nosso dia a dia, mas já nos ajuda muito ter uma escola que se dispõe a melhorar a qualidade de vida de seus alunos. Quando sofri o acidente, eu estava terminando o Ensino Médio, então tive que parar, naquele momento, justamente por conta da falta de acessibilidade para um cadeirante. É importante você chegar na escola e ter um livre acesso, com os próprios meios também facilitando”, explica.

Conforme dito pelo aluno, a acessibilidade na escola facilita a inclusão de estudantes com deficiência. Além disso, outras instituições investem em iniciativas de inclusão. Como é o caso da Comac, que desenvolve o *Projeto Crer Ser*, que existe desde 2009 e era realizado na Escola Germano Valente, filial da instituição. Em 2011, o modelo sofreu uma reformulação e foi transferido para a sede, onde passou a ter o objetivo de capacitação para o mercado de trabalho.

Segundo dados da Comac, atualmente o *Crer Ser* é o único projeto em Petrópolis voltado para a capacitação profissional para a pessoa com deficiência intelectual. Os jovens precisam ter entre 18 e 30 anos e não podem estar sendo assistidos por outras instituições ou matriculados em unidades escolares. O projeto político-pedagógico do *Crer Ser* é direcionado às atividades diárias das pessoas com deficiência, para que, dentro das suas possibilidades, se tornem independentes, se sintam úteis na família e suas habilidades sejam valorizadas.



Um exemplo de sucesso

Com a acessibilidade nas escolas e projetos voltados para inclusão de alunos com deficiência, os resultados são muito favoráveis. Um exemplo de que a inclusão bem orientada é o melhor tratamento é a jovem Rafaela Poggi, que sofre de uma doença análoga ao autismo (o diagnóstico nunca foi fechado) e depois de anos enfrentando a exclusão foi convidada a se retirar de três escolas particulares devido à sua dificuldade de desenvolvimento. Só começou a se alfabetizar aos 10 anos de idade, através do programa de inclusão da rede pública de ensino.

Aos 21 anos, Rafaela concluiu o Ensino Médio. No dia da formatura na Escola Estadual Vicente Jacuzzi, localizada na Barra da Tijuca, a estudante realizou um grande sonho: lançou seu primeiro livro, intitulado *Fairy Rainbow* (em tradução livre, “Fada do arco-íris”). O mangá (história em quadrinhos) contou com prefácio e apoio de um outro gênio na arte, Ziraldo.

Além disso, a escritora e cartunista lançou o *site* Imaginanime (www.imaginanime.com.br), que disponibiliza conteúdos diversos sobre ela e espaços para outros artistas divulgarem seus trabalhos. Os interessados podem adquirir o livro da escritora e realizar doações para escolas públicas.

Colaboração: Jéssica Almeida

Faetec
Rua Clarimundo de Melo, 847 – Quintino
Bocaiúva – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21311-281
Tel.: (21) 2332-4043
Site: www.faetec.rj.gov.br/

Comac
Rua Visconde Souza Franco, 590 – Centro –
Petrópolis/RJ
CEP: 25625-081
Tel.: (24) 2242-2851
Site: www.comac.org.br
Fotos enviadas pelas instituições

Com a proposta de mudar o final de fábulas conhecidas, os alunos do 7º ano se caracterizaram para encenar a história reescrita por eles próprios

Mudando o final

Alunos recriam os finais de histórias conhecidas

Tudo começou em uma aula de Língua Portuguesa, como outras tantas. Eu contava uma história para os alunos, mas não consegui terminar, pois alguém gritou do fundo da sala: 'Professora, conheço o final dessa história!'. Pronto, surgiu a ideia: por que não trocar o final de algumas fábulas conhecidas? A partir daí, foram muitos encontros: com a escrita, com a leitura, com a imaginação. Mas não parou aí. O maior deles aconteceu na sala dos professores, quando eu e Damiana começamos a conversar e percebemos que tínhamos a mesma vontade: fazer um trabalho aliando a Literatura ao Teatro, afinal as duas áreas caminham juntas. E foi assim que nasceu o projeto *A estória dentro da estória: novas velhas estórias*, conta Isabela Gouvêa, professora de Língua Portuguesa da Escola Municipal José de Alencar, localizada em Laranjeiras.

A professora de Artes Cênicas Célia Damiana conta que o projeto idealizado por elas esse ano e desenvolvido com alunos do 7º ano tinha como objetivo trabalhar com a escrita e a leitura, aliadas à linguagem corporal. Além disso, promover a valorização desses alunos, elevando a sua autoestima. Ao longo do projeto, os estudantes escreveram novos finais para as fábulas "A Cigarra e a Formiga", "A coruja e a águia" e "O velho, o menino e o burro", além de criarem desenhos e ilustrarem as novas histórias e uma fotonovela (confira no final da matéria).

Todo o material se transformou em um livro, que durante a culminância da atividade foi entregue aos alunos. O evento reuniu estudantes, responsáveis, professores, diretores e a ONG "Se essa rua fosse minha", parceira do projeto. Segundo Suelly Terezinha Schoen, mãe do aluno Samuel Leandro, da turma 1.705, iniciativas como essa ajudam a descobrir novos talentos. "São como uma porta de entrada para a criança alcançar o potencial que tem. Às vezes, nem mesmo ela sabe desse potencial", explica. A mãe do aluno conta também que o projeto a impressionou de uma forma positiva. "Amei a iniciativa, achei lindo! Imaginava menos e para mim foi uma surpresa! O Samuel sempre foi muito criativo e esse projeto serviu para mostrar o talento que ele tem", completa Suelly.

Além dela, Simone Coelho da Costa, mãe do aluno Mikael Anchieta, também se surpreendeu com o resultado do trabalho. "Fiquei muito orgulhosa. Ele é muito falante e empolgado e, com os preparativos do projeto, aí mesmo é que não ia parar de falar", brincou. Além disso, Simone afirma que o projeto serviu para ela ver o filho com outros olhos. "Passei a prestar mais atenção no que ele gosta e dar mais ouvido ao que fala. Descobri do amor que ele tem pelo teatro e estou pensando até em matriculá-lo em algum curso", conta.

O próprio Mikael Coelho de Anchieta, da turma 1.705, conta que o que mais gostou foi ajudar na produção da fotonovela. "Eu acompanhava a cena, escrevia no papel e depois me reunia com o resto da equipe para fazer os ajustes necessários. Adorei!", explica o aluno. Além disso, Mikael, acompanhado do colega Brenno Rodrigues, também da 1.705, escreveu um novo final para a fábula "A Cigarra e a Formiga", intitulada "A formiga gulosa e a cigarra preguiçosa". Na história dos meninos, a cigarra acabou morrendo de fome, devido a sua preguiça. "Nós queríamos que as pessoas entendessem que não devem se deixar dominar nem pela gula, nem pela preguiça, pois o final pode ser triste como o da nossa história", explicam os alunos.

De acordo com a professora de Artes Cênicas, o projeto foi extremamente democrático, pois eles tiveram total liberdade

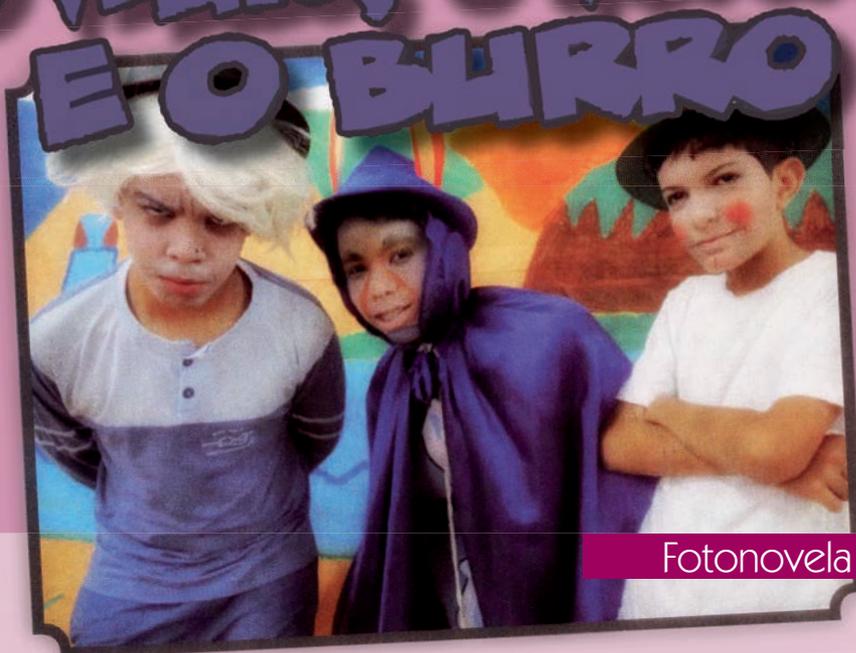
para escolher o que fazer. O aluno Samuel Leandro conta que sempre gostou de escrever e desenhar. "Foi incrível participar desse trabalho, pois tive a oportunidade de fazer as duas coisas. A minha história recebeu o nome de 'Inseto Esperança', pois me baseei no 'Criança Esperança'. Com o novo final, quis passar a todos que um pequeno ato de amor traz esperança ao mundo", explica Samuel.

Segundo Damiana, já é possível notar algumas transformações comportamentais nos alunos. "Muitos mudaram a forma de agir, estão respeitando as diferenças e valorizando o trabalho do outro", explica. Além disso, as idealizadoras do projeto, Isabela e Damiana, contam que ele superou as expectativas iniciais. "Agora, os estudantes estão mais interessados e atentos. Querem o tempo todo escrever. Eles se descobriram como autores!", afirmam as docentes.

Colaboração: Jéssica Almeida

Escola Municipal José de Alencar
Rua das Laranjeiras, 397 - Laranjeiras - Rio
de Janeiro/RJ
CEP: 22240-002
Tel.: (21) 2265-8836
E-mail: emalencar@rio.rj.gov.br
Professoras responsáveis: Célia Damiana e
Isabela Gouvêa
Fotos: Comunicação

O VELHO, O MENINO E O BURRO



Fotonovela

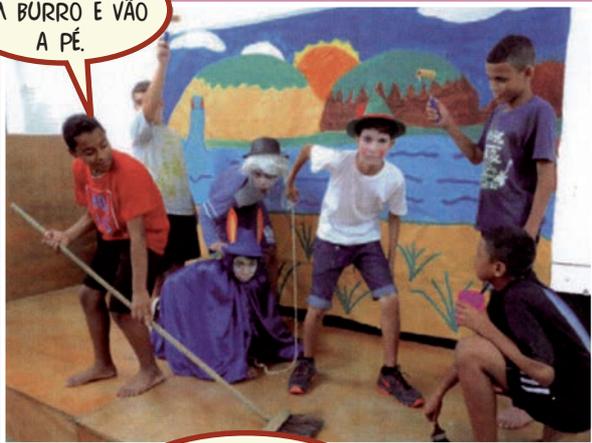


VAMOS VENDER ESTE BURRO BEM LIMPINHO NO MERCADO. DEVE VALER MAIS.



VAMOS CAMINHANDO ATÉ O MERCADO.

TOLOS, TÊM UM BURRO E VÃO A PÉ.



MONTE, FILHO. QUERO VER SE VÃO REPARAR.

FREGUESA, TUDO EM LIQUIDAÇÃO. TRÊS POR DEZ!



QUE JOVEM FOLGADO, EXPLORANDO O IDOSO! O MUNDO ESTÁ CADA VEZ PIOR.



AGORA SIM, TUDO VAI DAR CERTO, MEU FILHO. VAMOS EMBORA!



POBRE CRIANÇA! A PÉ ENQUANTO O OUTRO DESCANSA NA MONTARIA. ABSURDO!



O BURRO É FORTE, VAI NOS AGUENTAR



QUE CRIME! NÃO SABIA QUE NO BRASIL SE TRATA UM ANIMAL ASSIM.



FORÇA, FILHO. ASSIM NINGUÉM HÁ DE RECLAMAR.



QUAL DOS TRÊS É O MAIS BURRO?



QUEM QUER AGRADAR A TODOS NÃO SE AGRADA.



Eco Copa

um projeto muito especial

Claudia Sanches

Quando a equipe pedagógica da Escola Municipal Especial Mariza Azevedo Catarino, unidade de referência na educação de autistas, pensou num projeto para a Copa do Mundo Fifa, os educadores não tiveram dúvida: uniram o útil ao agradável. Idealizaram o Eco Copa, que integrou os temas Copa e Meio ambiente, concluindo com uma culminância na Vila Olímpica de São João de Meriti. A ação incluiu “O Piquenique na Copa”, na Semana do Meio Ambiente, que é realizado todos os anos na escola.

Todos os alunos produziram bastante no semestre. Durante o encontro eles expuseram as produções desenvolvidas em sala de aula. No primeiro momento exploraram as tarefas dirigidas, realizaram uma atividade física, “O Chute ao gol com bolão” e, na sequência, passaram ao piquenique solidário. As crianças trabalharam a questão da coleta seletiva, pintaram o Fuleco, fizeram uma horta, pesquisaram e praticaram atividades motoras. Para o professor de Educação Física Salomão Dantas, a horta é uma vivência que traz muitos benefícios porque tranquiliza a clientela que é agitada: “Através da educação do corpo trabalhamos de forma que eles entendam o que são o futebol e os hábitos saudáveis. Cultivando, eles sentem a textura da terra, manipulam as sementes, acompanham o desenvolvimento. Esse contato acalma e humaniza”, explica Salomão.

O verdadeiro objetivo do projeto não é apenas despertar o gosto pelo esporte, mas integrar alunos e família, pois o contato com a comunidade ajuda a desenvolver hábitos e atitudes adequadas, proporcionando a movimentação do próprio corpo. Desde que foi fundada para atender esse público-alvo, a instituição tem transformado a vida de muitas famílias que têm de lidar com a questão do autismo.

Segundo a diretora adjunta Magda Fernandes o envolvimento dos responsáveis na vida escolar é muito grande. Os funcionários são capacitados para atuar com a clientela e só se adapta quem se compromete com o trabalho, desde a merendeira Maristela à diretoria, que se pauta por um diferencial no tratamento com o corpo discente. “Para trabalhar aqui fiz um curso de cuidados com crianças especiais na Appai”, conta a merendeira, que além de cozinhar também participa do processo de educação alimentar, auxiliando na formação de hábitos e atitudes na mesa e referentes à higiene.

A professora de Matemática Deise Geraldo realizou muitas atividades com os alunos na sala de recursos. Os grupos trabalhavam colagem, realizaram oficinas com as formas geométricas da bandeira nacional, cores, reciclagem,



noção espacial, formas e letramento. “Eles confeccionaram camisetas do Brasil com a técnica do *origami* e o nome deles. Já a professora do EJA, Gláucia Kaiser, focou com os jovens a questão da Copa. “Eles exploraram os nomes dos jogadores, quem é atacante, goleiro, meio-campo, conheceram a tabela e decoraram a bandeira do Brasil em equipe”. Daniel convida à curiosidade da comunidade, já que calcula os dias da semana dos jogos da Copa com os dias e meses. “A gente dá o jogo, dia e mês em que ele acontece e Daniel acerta o dia da semana. Ninguém ainda sabe como ele faz esse cálculo mental tão rápido”, conta Gláucia. César, também do EJA, teve oportunidade de conhecer mais sobre o mundo: “Aprendi muita coisa sobre a Copa. Não sabia o que era um evento dessa natureza. Conheci países como Portugal, Espanha, Itália. O projeto foi uma viagem”, conta o aluno, que relatou seus conhecimentos através da produção textual. Daniel, da turma do



No Eco Copa, um projeto que integrou os temas Meio Ambiente e Copa do Mundo, os alunos trabalharam a questão da coleta seletiva, fizeram uma horta, pesquisaram e praticaram atividades motoras



EJA, desenhou, durante as aulas, as bandeiras de todas as seleções, e depois os outros amigos pintaram e colaram no mural na porta do colégio. “Com a tarefa os alunos tiveram oportunidade de descobrir o mundo através do campeonato mundial”, afirma a Diretora Simone Oliveira.

O professor Salomão lembra que um dos maiores desafios da inclusão foi superado: receber uma funcionária com síndrome de Asperger. “A Janaína vinha trazer o filho e ficava estudando enquanto o esperava. Passou no concurso para ajudante de turma e agora tem outra preocupação: auxiliar o irmão autista, que fica trancado em casa o dia todo”, conta o professor.

Mães coragem – uma parceria transformadora

E o que não falta na instituição de ensino é solidariedade, segundo os educadores. “São histórias de superação. Aqui todos têm que ter um olhar diferente para trabalhar as questões do comportamento, e um ajuda o outro no resgate da autoestima e capacidade de transformar a realidade”, afirma Magda. Os responsáveis são pessoas que foram à luta para construir uma nova história para o futuro desses jovens. Na opinião de Simone, mãe de Gustavo, a inclusão ainda é uma situação muito distante para a realidade do país, pois não há preparo e estrutura. Simone se tornou

uma profissional psicometricista, um trabalho de fisioterapia através de movimentos de todo o corpo, específico para cada parte, envolvendo movimentação e estímulo.

Com olhos de profissional e mãe, procurou um caminho para aprender a lidar com as dificuldades do filho e conheceu a “escola especial”. Apesar de, por enquanto, se dedicar integralmente a Gustavo, ela atende outras mães que precisam de ajuda: “Através da experiência com ele e outras pessoas aprendo muito. O movimento do corpo é fundamental, precisamos trabalhar coordenação motora, tônus muscular. É uma ciência nova, mas uma ferramenta para equilíbrio e facilitação da escrita”, explica.

Já Sônia, mãe de Daniel, não sabia como tratar a questão da falta de motivação do filho pela escola. “A mesmice fazia com que ele se desinteressasse. Então fui estudar pedagogia e psicanálise”. Com esses instrumentos, ela descobriu essa “escola especial” e estímulos para aprendizagem de seu filho. A mãe ainda recebe as famílias que recorrem desesperadas à instituição: “Muitas mães chegam aqui desorientadas, e a rede de educadores e pais recebe e compartilha as experiências com os outros, acolhendo os novos alunos.

Maria Aparecida, mãe de João Vítor, nunca imaginou que um dia a questão do filho especial iria mudar o

rumo de sua vida. A necessidade de mobilização para conhecer os seus direitos a levou a terminar o Ensino Médio, tentar o Enem três vezes e ir para a universidade cursar Serviço Social. Hoje, na escola, Aparecida é que dá apoio nas questões de direito das crianças especiais, já que a maioria desconhece os benefícios de que pode desfrutar: “Meu sonho sempre foi fazer uma faculdade, mas fui adiando e com o João foi um impulso para que esse desejo se tornasse realidade”. Hoje, Aparecida fala sobre um novo modo de ver a vida. “Já não julgamos tanto quando vemos crianças fazendo pirraça na rua, como já presenciei muitas vezes pessoas criticando a mãe que não dá educação ao filho que apresenta comportamento inadequado. Pensamos duas vezes antes de condenar. Pode ser uma questão neurológica da criança. Aprender a lidar com os filhos foi uma oportunidade de entender melhor o mundo”, conclui.

Escola Municipal Especial Mariza Azevedo
 Catarino
 Av. Mendes de Oliveira, s/nº – Bairro Grande Rio – São João de Meriti/RJ
 CEP: 255400-30
 Tel.: (21) 2650-2045
 E-mail: e.m.especial.mariza@gmail.com
 Direção: Simone Oliveira
 Fotos: Marcelo Ávila



No País da Copa e... do futebol

Claudia Sanches

Muita informação e produção sobre a Copa do Mundo e a história do futebol foram expostas nos pátios do Ciep 129 José Maria Nancy, localizado em Itaboraí. Esse foi um resultado de dar inveja a qualquer programa de documentário na televisão sobre o esporte mais popular do mundo. Todos os trabalhos fazem parte do projeto *Este é o país da copa*, realizado com as turmas do programa Autonomia, que depois se uniram às turmas regulares e somaram esforços para a construção de um conhecimento a partir das descobertas e execução das produções artísticas dos alunos.

Curiosidade premiada

Segundo a professora Eliane Portella, uma das coordenadoras do projeto e supervisora do Programa Autonomia, a iniciativa veio da solicitação dos estudantes. Todos os dias chegavam os curiosos para obter dados e referências sobre o evento. Uma aluna perguntava: "Tia, onde fica o estádio Mané Garrincha?" ou "Como funciona essa tabela?". As professoras começaram a fazer trabalhos de pesquisa para resolver as questões da garotada. Mas, para evitar que eles simplesmente copiassem as informações sem leitura, Eliane utilizou uma estratégia: fazia a proposta ou partia de uma dúvida dos jovens. Aí eles iam à Internet ou aos livros para responder suas questões e depois trazê-las de volta: "Já que era para buscar dados, que eles fizessem suas próprias descobertas. Esse tema tem tanta riqueza que as crianças podem aproveitar bastante nos conteúdos em sala de aula, e partiu realmente do interesse deles, está no sangue do brasileiro", lembra Eliane. A diretora do Ciep, Maria Vitória Timóteo, foi a maior incentivadora para que as professoras realizassem a atividade: "Entreguei o projeto escrito nas mãos delas e disse: é com vocês. Eliane não teve como recusar. Eles vivenciam o futebol no dia a dia, não poderíamos deixar passar em branco", conta a diretora, que colaborou com as professoras durante o semestre.



O projeto, que teve como tema a Copa do Mundo, reuniu informações, curiosidades e produção artística sobre o evento e a história do futebol



Durante a culminância, alunos e comunidade puderam conferir os trabalhos expostos, apresentações e mapa-múndi com todos os países que participaram da Copa



Segundo ela, o corpo docente trabalhou Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia e até Química com os estudantes. A agente de leitura Adelina Abreu contribuiu com um carrinho de leitura, e levou para a escola, junto com os alunos, livros, reportagens, revistas. O material ficava à disposição para os pesquisadores e curiosos. Os estudantes também assistiram aos documentários sobre a história das copas do mundo.

Cada docente aproveitou o projeto de uma forma. A professora Natália Rodrigues, por exemplo, desenvolveu uma habilidade específica da turma em desenho e eles fizeram ilustrações e charges: “Foi uma oportunidade de eles conhecerem a história do evento através dessa linguagem”, justifica.

Durante a culminância alunos e comunidade puderam conferir os trabalhos expostos, mapas, os estádios e as cidades-sede, o mapa-múndi com todos os países que estão participando. Nos mapas, as crianças colocaram as bandeiras sobre as respectivas nações e confeccionaram as camisas das seleções. Nos murais e varais informações sobre os mascotes, jogadores, lendas, dados sobre os países, maquetes de campo de futebol e até uma matéria sobre *doping*, utilização de substâncias químicas proibidas no esporte, em que os professores puderam explorar conteúdos de Química. Os alunos também fizeram um divertido desfile onde cada um representava as tradições de cada nação.

Eliane atribuiu o sucesso dos projetos da escola a uma boa gestão. Na opinião da educadora, se não houver um bom trabalho nesse sentido, não se consegue o engajamento dos alunos e da família. “Em um sábado de sol, a gente ter essa coletividade aqui dentro! Um bom gestor garante uma educação de qualidade. Somos uma equipe bem dirigida. O professor deve solicitar material, recursos humanos, espaço para apoio, tempo”, sugere.

A professora Ana Claudia Santos, de Educação Física, trabalhou a seleção dos times, o calendário e a tabela do campeonato. “Eles entenderam como as equipes são classificadas, viram a história do futebol desde que surgiu como

um privilégio da elite na Inglaterra até a chegada ao Brasil. Acompanharam também a entrada do negro no esporte, no Vasco da Gama, quando a federação de futebol do Rio proibiu a participação do time cruzmaltino no campeonato na época como punição, além de curiosidades, como os jogadores afrodescendentes, que tinham que passar pó de arroz para poder entrar no campo do Fluminense”. No dia a dia Ana Claudia conta que os estudantes também realizaram debates sobre as obras para os eventos esportivos, as questões do desvio de dinheiro público, da saúde.

Eliane ressalta que o sucesso do projeto se deve à parceria. Ele faz com que educadores, alunos e pais se integrem. A função maior do Programa Autonomia é resgatar o jovem e sua autoestima. Essa é a grande diferença entre o educador e o transmissor de conhecimento. “Levamos os valores, resgatamos essa clientela, aproximamos o corpo docente, a família e vemos os alunos felizes”, conclui a educadora. Bruno, do 1º ano do Ensino Médio, não esconde sua paixão pelo esporte e a alegria de estar participando do trabalho, mostrando o tema que desenvolveu com seu grupo: histórias da vida dos jogadores de futebol. O que Bruno sonha em ser no futuro?

Ciep 129 José Maria Nancy
Av. Flávio de Vasconcelos, s/nº – Venda das Pedras – Itaboraí/RJ
CEP: 24802-365
Tel.: (21) 3637-3039
E-mail: ciep129@ig.com.br
Direção: Maria Vitória Timóteo
Fotos: Marcelo Ávila



Copa das Reflexões no Cefa

Sandra Martins

“Bonjour, comment allez-vous? Nous allons parler un peu de la culture française.” [Bom dia, como estão vocês? Nós falaremos um pouco sobre a cultura francesa.]

A partir de pequenos diálogos como este, alunos do Colégio Estadual Frederico Azevedo, do município de São Gonçalo, apresentaram aspectos interessantes da cultura francesa aos participantes do projeto interdisciplinar *A Copa do mundo é “nossa”, com o Cefa não há quem possa.*

A feira, proposta pelos próprios alunos, tinha como propósito mostrar a Copa sob o olhar de cada disciplina. Todas as turmas dos turnos da manhã e da tarde, num total de 44, foram envolvidas nos trabalhos que contaram com exposição das pesquisas em sala de aula, atividades culturais e esportivas.

Quem visse rapidamente as maquetes de campos de futebol poderia pensar que se tratava de mais um trabalhinho enaltecendo o campeonato mundial. Mas um olhar mais atento no entorno do campo identificaria um posto médico. Como colocou a professora Ana Cris Merlim, a aluna entendeu a proposta do trabalho e contribuiu para uma discussão séria e cara: nos estádios deve haver equipes médicas aparelhadas para um atendimento eficaz. E também ela questionava a qualidade da saúde no Brasil. “Não se trata de protesto, mas de formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade”, complementa a professora.

Para a diretora-geral Cristina Vilas-Boas, todas as expectativas foram superadas. “Efetivamente eles se envolveram muito. É o que consideramos de uma educação participativa”. Entre os objetivos traçados, estavam: tornar a escola atrativa aos sábados, possibilitar a correlação do currículo mínimo das disciplinas, incentivar o aluno a pesquisar e usar a criatividade, potencializar a criticidade responsável e fortalecer a parceria com os docentes e toda a comunidade escolar.

O Cefa conseguiu unir o útil ao agradável. As trocas foram intensas e bastante proveitosas nos sábados que antecederam a feira. O professor Mayco dos Santos, de Matemática, afirmou que a mobilização entre os alunos foi crescendo conforme verificavam o vulto que pesquisas tomavam. “Buscávamos incitá-los a superar suas próprias limitações”.

As pesquisas sobre os 32 países participantes da Copa do Mundo versaram sobre culinária, aspectos curiosos da cultura e geográficos, literatura, historicidade, personagens mais conhecidos. Enfim, houve certa flexibilidade na escolha dos temas. A parte cultural foi bastante criativa, com coreografias de danças tradicio-



As turmas participaram de trabalhos que contaram com exposições das pesquisas em sala de aula, atividades culturais e esportivas



“Não se trata de protesto, mas de formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade”

nais, e muitos alunos investiram em indumentárias típicas dos países pesquisados.

Mesmo com a globalização, os avanços tecnológicos com todos os cantos do mundo ficando virtualmente próximos a partir de um clique, as surpresas ao longo das pesquisas foram muitas. Uma delas foi relatada pela professora de Língua Portuguesa Flávia Joss. “O Equador foi bem interessante para eles, já que tinham poucas referências deste país. Foram trabalhadas questões como culinária, literatura, aspectos físicos e geográficos”.

Mas a França foi o contrário. Os estudantes se caracterizaram de personagens ilustres, como a estilista Coco Chanel, a escritora, feminista e filósofa Simone de Beauvoir e as meninas do Cabaré Moulin Rouge. Até a escultura O Pensador, de Auguste Rodin, esteve presente, tudo no mesmo espaço de um café parisiense.

No quesito conhecimento da culinária, as amostras praticamente evaporaram, ora pela perfeição e delicadeza no preparo das iguarias, ora pela curiosidade que aguçava o apetite. Entre os que menos tempo ficaram expostos está o Pasulj – uma sopa de feijão-manteiga tradicional da Bósnia – e o doce de banana da Nigéria.

O Pasulj não foi elaborado por uma aluna, mas pela mãe de um professor. Sueli Guimarães foi convocada pelo seu filho, Bruno, de Geografia, para preparar esta receita bósnia. A mestre-cuca disse que também aprendeu muito com a experiência. Ela conta que teve de fazer adaptações na receita por conta de ingredientes de difícil acesso, como a carne de cordeiro. “Grande parte da população da Bósnia é muçulmana, e eles não comem carne de porco. Assim trocamos pela linguiça defumada de frango; o nosso feijão-preto deu lugar, não ao feijão-manteiga original, mas ao feijão-branco. No mais, cenoura, alho, cebola, salsinha. Trouxe somente uma panela grande, pois ficamos com medo dos alunos não gostarem. Mas, foi fantástico. A sopa acabou em menos de dez minutos”.

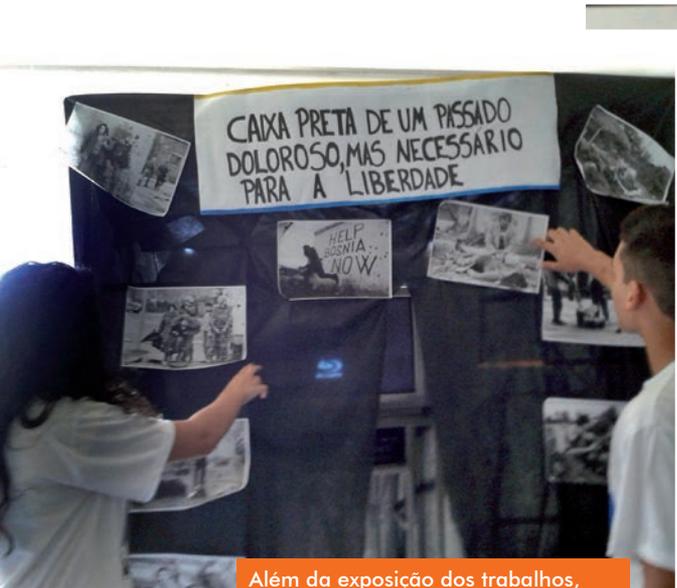


Outra área de degustação também chamava a atenção, não tanto pela iguaria, mas pelo cartaz: “O pão francês era francês?”. De acordo com Natelly, Emerson e Carolina, realmente o pão francês é francês. Entretanto, a receita original recebeu algumas modificações quando desembarcou no Brasil. Mas as diferenças não se restringem aos ingredientes e modo de fazer o pão, e sim ao nome que recebem em algumas regiões do país.

Para dissolver as guloseimas das degustações, nada melhor do que assistir ao torneio de futsal organizado pela professora Cláudia Lobão, de Educação Física, com as turmas do 6º ano até o 3º ano do Ensino Médio. Ao final das rodadas, os melhores ganharam medalhas e aplausos da torcida organizada. De acordo com a professora, a escolha desta modalidade de jogo atendeu a dois aspectos: a falta de tempo para desenvolver um campeonato com as etapas eliminatórias e a necessidade de evitar as rivalidades inerentes aos processos competitivos. “Com o torneio enfatizamos o entrosamento entre os alunos dos diversos segmentos. E a resposta foi muito boa, tanto pela mobilização dos atletas quanto pelo apoio da torcida às equipes”.

As apresentações artísticas também foram outro ponto que mobilizou a estudantada. Sob a orientação dos professores Ivan de Oliveira, de Artes, e de Cláudia, os alunos, a caráter, apresentaram uma dança popular italiana, a Tarantela, cuja característica é a troca rápida de casais. As atrações se sucederam sob o comando do mestre de cerimônias, professor Ivan, que chamava a atenção dos





Além da exposição dos trabalhos, os estudantes prepararam algumas iguarias como o Pasulj (tradicional da Bósnia) e o doce de banana (Nigéria)



presentes para o binômio educação e saúde, além da necessária reflexão sobre uma educação de qualidade.

De forma lúdica, bem-humorada, elegante e com muita criatividade, o projeto fazia críticas à Copa do Mundo. Como ocorreu com um grupo de alunos que apresentou um rap em repúdio à corrupção e alienação. Uma paródia de uma música da cantora Rihanna. Já o jovem Wendel Venâncio, à capela, cantou a esperança, o respeito e o amor fraternal.

Em um determinado momento, os alunos homenagearam dois professores que a comunidade escolar perdera recentemente: Adriana Dias Cunha, falecida cerca de um mês antes da feira, e Thyago Araújo Faria, no segundo semestre de 2013. Um misto de saudades e a alegria de poder oferecer a eles este pequeno, mas forte, tributo foi traduzido em muitos aplausos.

Chamava a atenção o conteúdo de um pequeno cartaz: a "Química na Copa". Um texto curto e objetivo, com pequenas ilustrações, mostrava a forte presença desta área de conhecimento em variados aspectos: nos gramados, com o uso de fertilizantes; nas chuteiras, com polipropileno na fabricação das travas; nos fogos de artifício; no material usado nas camisas para reduzir o suor e o odor, além do polímero da bola – a grande protagonista dos jogos.

Mais do que um evento, o projeto foi revelador para o professor Romeu Tavares, de Sociologia e Filosofia. Segundo ele, a turma que ficou sob sua orientação inicialmente teve muitas dificuldades com as pesquisas relacionadas à Coreia do Sul, e também se mostrava um pouco apática. Entretanto, eles deram uma estupefata volta por cima e

usaram as dificuldades iniciais como uma catapulta para quebrar suas barreiras. A mudança de atitude, gradual, foi desenvolvida pelo professor, que trabalhou conceitos como justiça, usufruto, balanço, respeito, sabedoria, vitalidade, entre outros temas.

Algumas falas entre os professores foram comuns: a de que os alunos puderam trazer para seu cotidiano muitas das discussões empreendidas tendo como mote as histórias dos variados países que estudaram; e de que deram um banho de coletividade, de afetividade, de parceria. Ou seja, os objetivos do projeto foram plenamente alcançados, uma vez que os estudantes participaram com entusiasmo das atividades pedagógicas realizadas nos sábados dentro da unidade escolar.

Colégio Estadual Frederico Azevedo
Rua Melo Freire, 50 – Itaúna – São Gonçalo/RJ
CEP: 24474-090
Tel.: (21) 3119-5792
E-mail: cmadureira@prof.educacao.rj.gov.br
Diretora-geral: Cristina Vilas-Boas
Fotos cedidas pelo colégio



AS EQUIPES



1802



8901



1901



1703



1801



1701



Copa Ramiz

Mudança de comportamento

Claudia Sanches

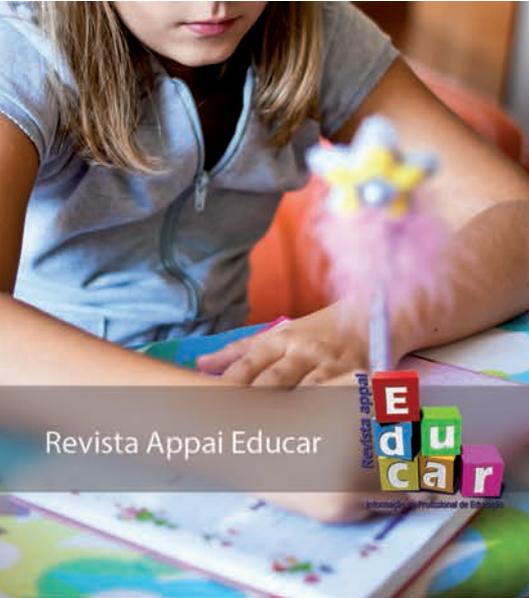
Trabalhar disciplina dentro e fora de sala de aula e aprender a se relacionar em grupo. Esses foram os focos principais do Projeto *Ramiz na Copa*, realizado na Escola Municipal Ramiz Galvão, em Realengo. Idealizado pelo professor de Educação Física Paulo Couto, ele foi desenvolvido por todos os alunos do Ensino Fundamental e toda equipe pedagógica. A diretora do colégio Cátia Varela, trabalhou interdisciplinaridade dentro e fora da sala de aula. “Os jovens pintaram toda a quadra sozinhos, trabalharam a questão da pichação que era muito presente na unidade. A temática foi sugerida pelo professor Paulo. Mas adotada por toda a escola porque é o tema do momento, que é super atual e tornou esses alunos mais concentrados na busca de um objetivo, um ambiente mais limpo e agradável para eles”. Cátia conta quando assumiu a direção era incompatível dar aula na escola, tamanho era o barulho e a indisciplina do corpo discente.

Cada professor foi responsável por uma turma, a começar pela conscientização da participação deles em todas as etapas, desde a escolha do tema, realizada através de voto, regras de convivência elaborada por eles, que ficaram bem à vontade para escolher suas produções e usar a criatividade. “Eles exercitaram cidadania, democracia e participação. Em ciências, trabalharam as consequências do desenvolvimento, passado pelo preparo do corpo do atleta até drenagem dos campos. Através da geografia eles puderam explorar os países que participaram do evento, como a economia, parte física, história. A República dos Camarões destacava-se por seus ritmos. A aluna Taísa descobriu a música e a dança do Mundo Árabe, além da questão da mulher na região do Oriente Médio. Ana Carolina confeccionou um cartaz criti-

cando as mazelas da Copa Fifa, e com muito senso crítico, fez uma releitura de textos jornalísticos e trabalhou com charges pesquisadas em jornais e revistas. Um grupo do 9º ano pesquisou a história e significado dos Mascotes da Copa. O evento foi finalizado pela apresentação de coreografias na quadra do colégio, com entrega de medalhas e premiações. A abertura foi precedida com o canto do Hino Nacional Brasileiro: “Nossos jogadores cantam o hino, e nós vamos iniciar cantando também”, afirmou a aluna Ketryn. As meninas do 8º ano dançaram um rap levantando a bandeira da valorização das mulheres e a equipe ainda promoveu jogos para a garotada.

Para Cátia, o projeto comprova que é possível promover a mudança de hábitos e atitudes. Esse movimento de melhorar a relação com os amigos e com o patrimônio público que também pertence a eles mudou a perspectiva dos alunos, que ficaram orgulhosos com as conquistas e vibraram com os resultados do projeto: “Podemos mudar o comportamento para melhor, e eles perceberam que a escola deve ser um lugar agradável, mais tranquilo, mas alegre. Além disso trabalhamos a parte pedagógica que incentiva pesquisa, criação e motivação para os estudos. Além disso a autoestima sobre porque eles passam a acreditar que são capazes de produzir a partir de um trabalho”, conclui.

Escola Municipal Ramiz Galvão
 Pça. Ricardo Gonçalves, s/nº - Realengo -
 Rio de Janeiro/RJ
 E-mail: emramizgalvao@rio.rj.br
 CEP: 21750-429
 TEL: 21 3335-4430
 Fotos: Marcelo Ávila



Revista Appai Educar



Médico Ambulatorial Básico



Seguro de Vida em Grupo

BENEFÍCIOS



Dança de Salão



Caminhadas e Corridas

CAMINHADAS E CORRIDAS



Benefício Passeio Cultural



Seguro para Cobertura de Algumas Doenças Graves



Jurídico



Assistência Flex Domiciliar



Assistência Funeral

ASSISTÊNCIA FUNERAL



Educação Continuada



Serviço Social



Odontológico Ambulatorial Básico



appai
appai.org.br